

■ A VIDA ■  
NO TEMPO  
dos deuses

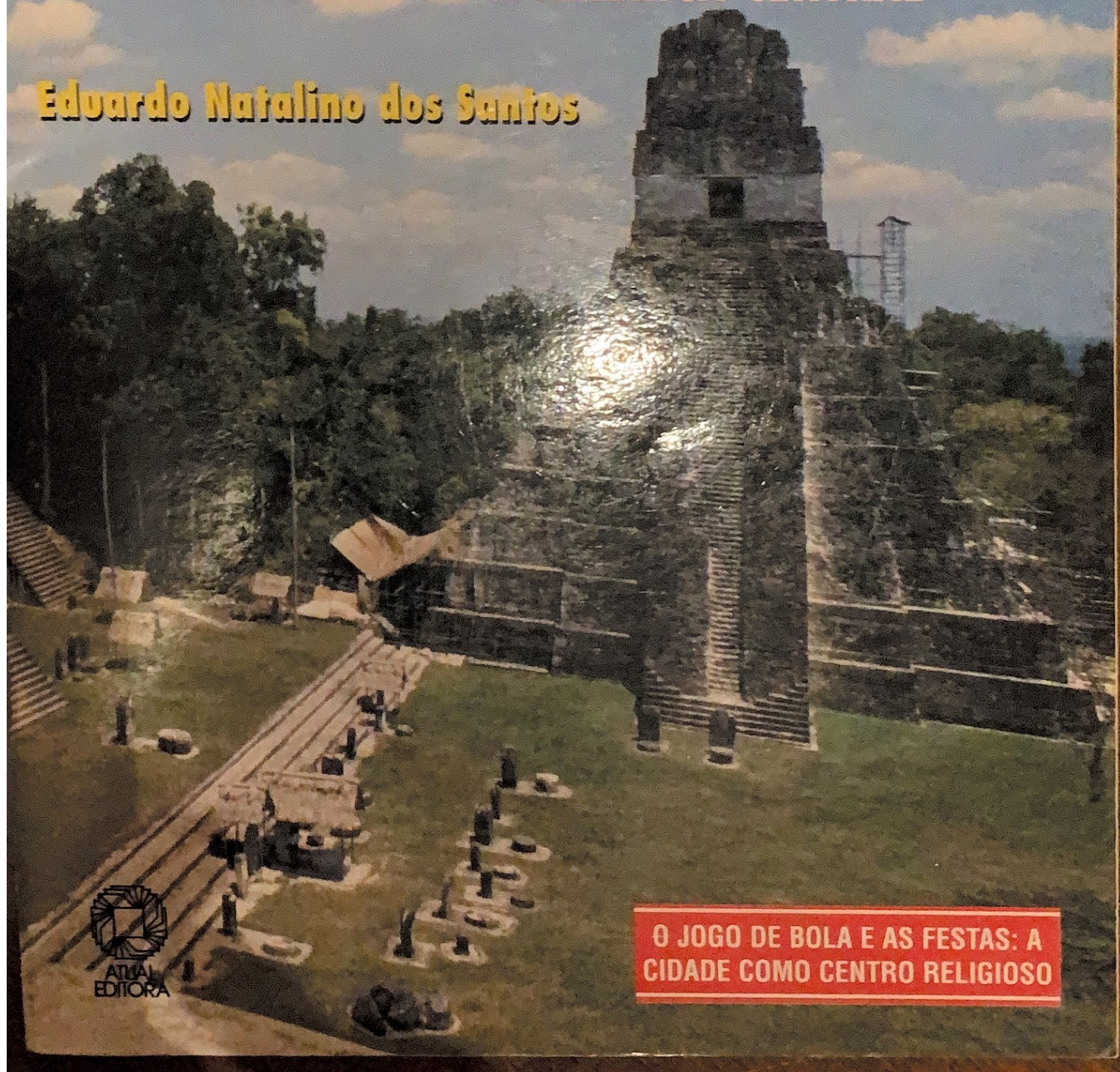
**NOS CÓDICES,  
O REGISTRO DOS  
COSTUMES  
MESOAMERICANOS**



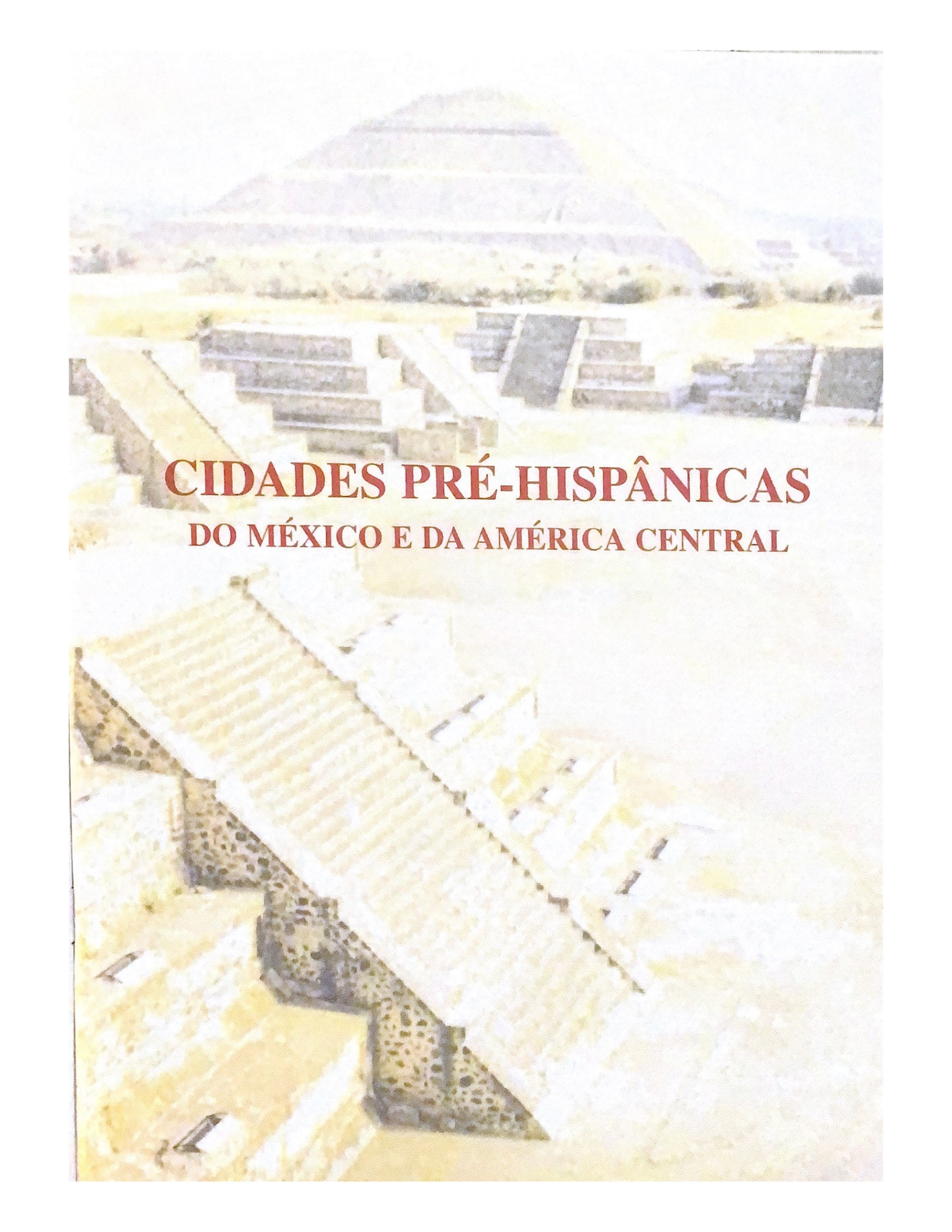
# **CIDADES PRÉ-HISPÂNICAS**

**DO MÉXICO E DA AMÉRICA CENTRAL**

**Edoardo Natalino dos Santos**



**O JOGO DE BOLA E AS FESTAS: A  
CIDADE COMO CENTRO RELIGIOSO**



**CIDADES PRÉ-HISPÂNICAS  
DO MÉXICO E DA AMÉRICA CENTRAL**

## Biografia



Nasci em 1969, na cidade de São Paulo, onde cresci. Depois de fazer o primeiro e o segundo graus em escolas públicas, interessei-me pela filosofia e pela música. Esses estudos me despertaram para a importância do conhecimento histórico, e em 1992 comecei a estudar História na Universidade de São Paulo. E não pretendo parar tão cedo! Ao mesmo tempo, tornei-me professor da rede pública e privada do Estado. Em 1997 passei a me dedicar exclu-

sivamente ao mestrado e a uma pesquisa sobre os deuses do México indígena, o que pude fazer graças a uma bolsa de estudos proporcionada pela Fapesp. Atualmente, graças também ao apoio da Fapesp, estou terminando minha pesquisa de doutorado, que trata do calendário, da concepção de espaço e das narrativas sobre a origem do mundo elaboradas pelos povos indígenas mesoamericanos.

O estudo de tais temas me levou a perceber nessas culturas o papel fundamental exercido pelas cidades mesoamericanas. Nelas não só a concepção de espaço desses povos se concretizava, como também os saberes sobre o passado e o calendário eram produzidos, concentrados, controlados e difundidos.

Tanto no mestrado quanto no doutorado pude contar com a valiosa orientação e amizade da professora Janice Theodoro, autora de vários livros paradigmáticos sobre a História da América. Janice e eu compartilhamos a opinião de que é essencial a aproximação das pesquisas universitárias com o ensino fundamental e médio.

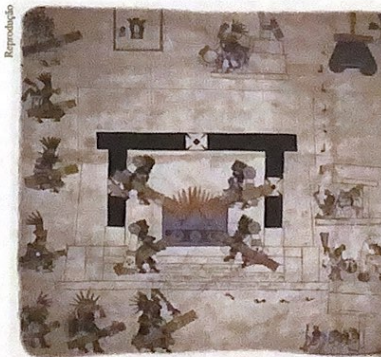
Para complementar minha especialização em História da Mesoamérica, dediquei-me a pesquisas e cursos no México durante a pós-graduação. E, embalado pelo sonho de que os estudos históricos sobre os povos indígenas americanos se tornem algo viável e constante nas universidades brasileiras, colaborei para a fundação do Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos da USP (cemausp@hotmail.com), de cujas atividades continuo participando.



Eduardo Natalino dos Santos



Christian Dörmig



Reprodução

## SUMÁRIO

Palavras iniciais ..... 6

1. Os índios moravam em cidades? .... 7
2. Cidades e pirâmides da Mesoamérica ..... 14
  - Os centros cerimoniais olmecas ..... 15
  - As primeiras cidades olmecas ..... 17
  - As cidades teotihuacanas, maias e zapotecas ..... 21
  - As cidades tolteca-chichimecas ..... 26
  - Idéias equivocadas sobre os indígenas americanos e sua cultura ..... 29
3. O jogo de bola e as festas: a cidade como centro religioso ..... 31
  - A dinâmica social e a divisão espacial das cidades ..... 31
  - O jogo de bola ..... 33
  - As dezoito festas e o Fogo Novo em México-Tenochtitlan ..... 36
4. O calendário, o comércio, a guerra e a tributação: a cidade como centro de poder ..... 43
  - Os laços entre conhecimento e poder .. 43
  - Os dirigentes das cidades e o conhecimento do calendário ..... 45
  - A estreita relação entre comércio, guerras e tributos ..... 48

### Apêndice

Cronologia .....	51
Para saber mais .....	53
Bibliografia .....	54

## PALAVRAS INICIAIS

Provavelmente, você já leu algum texto sobre história da América que começasse com uma frase assim: "Quando os europeus chegaram à América, o continente era habitado apenas por indígenas, que andavam quase nus e sobreviviam da caça, da pesca e da agricultura rudimentar". Comentários como esses podem ser encontrados em toda parte: em livros, jornais e revistas; são pronunciados no rádio e na televisão. Desse modo, ajudam a formar a opinião da maioria das pessoas sobre os povos indígenas.

Mas será que frases como essa nos informam corretamente sobre os milhares de povos que habitavam a América antes da chegada dos europeus a este continente? Ou será que apenas refletem a existência de um grande desinteresse sobre os modos de vida dessas comunidades? Se realmente há falta de interesse pela história e pela cultura dos povos indígenas que habitavam e habitam nosso continente, qual seria a razão desse pouco caso? Será que não existem estudos e pesquisas que nos forneçam informações mais detalhadas a respeito dessas culturas?



Estudantes mexicanos visitam a Pirâmide da Lua, em Teotihuacan, México.

Ao longo deste livro, reunimos uma série de informações e reflexões sobre os povos indígenas que habitavam algumas regiões do continente americano as quais hoje fazem parte do México e da América Central. Esperamos

que, com esses dados, somados a outros estudos a respeito do assunto, possamos contribuir para que o leitor construa suas próprias respostas às questões aqui levantadas.

Entre os muitos povos que ocuparam essas regiões, provavelmente os mais conhecidos são os maias e os astecas. Embora sejam bastante famosos, esses dois grupos são apenas a ponta do *iceberg* na história de uma região habitada por centenas de povos que eram seus parentes culturais, uma vez que possuíam modos de vida semelhantes. E, apesar de os meios de comunicação em geral informarem muito pouco sobre essas comunidades, há milhares de estudos e pesquisas capazes de nos fornecer informações bastante enriquecedoras a respeito da história e da cultura desses povos.

Para não nos perdermos em meio às informações, precisamos estabelecer um fio condutor para o estudo, isto é, um tema central a partir do qual organizaremos dados sobre a história e a cultura dos povos indígenas que habitavam partes do México e da América Central. Entre os diversos temas que poderiam servir como fio condutor, escolhemos as cidades pré-hispânicas, isto é, os centros urbanos construídos pelos povos que habitavam essas regiões antes da chegada dos espanhóis.

A escolha desse tema não é aleatória. Uma das razões de sua eleição como eixo é que as informações e imagens divulgadas pelos meios de comunicação sobre os indígenas quase nunca os relacionam com a vida urbana. Sendo assim, estudar as cidades indígenas de parte do México e de outros países da América Central é estudar algo que se choça diretamente com os preconceitos construídos ao longo do tempo a respeito dos habitantes nativos da América, é estudar algo que nos permite conhecer um pouco a grande diversidade dos modos de vida praticados pelos povos indígenas americanos.

## OS ÍNDIOS MORAVAM EM CIDADES?

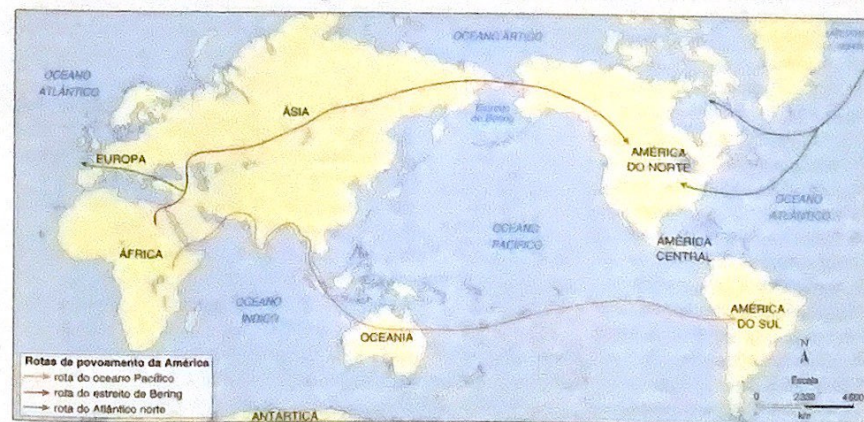
Resposta para a pergunta que forma o título deste capítulo pode ser sim ou não. Vamos discutir por quê.

Há algumas décadas, acreditava-se que o ser humano havia chegado ao continente americano somente pelo estreito de Bering, e que isso teria ocorrido há mais ou menos 13 mil anos. Mas os estudos arqueológicos (pesquisas baseadas em objetos e em vestígios das ações de povos do passado) realizados nas últimas décadas, sobretudo no Brasil e no México, mostraram a existência de indícios da presença do ser humano nesse continente que datam de 30 ou até 50 mil anos atrás.

De acordo com esses estudos, provavelmente os seres humanos que deram origem à população americana chegaram aqui em diversas ondas de migração e de povoamento, cuja data e caminho variaram. Sendo assim, acredita-se que foram seguidas outras rotas durante o lento processo de povoamento do continente que não apenas a passagem pelo estreito de Bering; entre os caminhos possíveis, podemos citar o oceano Pacífico e o Atlântico norte, conforme podemos observar no mapa a seguir.

Uma prática típica dos indígenas mesoamericanos foi a construção de cidades.

### Possíveis rotas de povoamento do continente americano



Adaptado de: *A univrsu da humanidade*. Rio de Janeiro: Time-Life/Abril, 1993.

De qualquer modo, o processo de povoamento da América teve como resultado a ocupação de todo o continente, desde as geladas terras do Alasca e das ilhas do oceano Ártico, no extremo norte, até a Patagônia e a Terra do Fogo, no extremo sul; e desde o litoral do oceano Atlântico até o litoral do oceano Pacífico.

Os povoadores e seus descendentes, espalhados por todo o continente ao longo de milhares de anos, criaram modos de vida distintos uns dos outros e viveram histórias muito particulares e pouco conhecidas por nós.

Nesse enorme continente, evidentemente os grupos que habitavam localidades vizinhas mantinham mais contatos entre si do que os que viviam em regiões distantes. As comunidades próximas trocavam e compartilhavam saberes, técnicas e produtos como, por exemplo, os modos de cultivar a terra e de plantar; os saberes sobre a fauna, a flora e as estações do ano; os alimentos plantados ou coletados; os conhecimentos medicinais; as formas de construção e de organização do espaço habitado; o modo de governo; as explicações sobre a origem do mundo e do ser humano e até mesmo a língua falada.

A continuidade desses contatos entre povos próxi-

## Um só continente e diversas culturas

*Os milhares de povos que habitavam o continente americano antes da chegada dos europeus podem ser agrupados em regiões culturais, cuja formação e existência ao longo da história americana nos ajudam a explicar as grandes diferenças existentes entre os grupos que habitavam regiões distintas de um único continente, como, por exemplo, os esquimós do extremo norte do continente, os sioux das planícies dos Estados Unidos, os huichóis do noroeste do México, os maias da Guatemala, os aruaques da Guiana e do Suriname, os kayapós do planalto central do Brasil, os tupinambás da costa litorânea do Brasil e os incas da região dos Andes.*

### Regiões culturais e povos do continente americano às vésperas da chegada dos europeus



Adaptado de Atlas da História do mundo. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1995.

mos por um longo período resultava, em geral, na formação de uma região dentro da qual predominavam modos de vida e de pensamento semelhantes. A isso chamamos região cultural, isto é, uma grande área delimitada pela existência de povos que compartilhavam características culturais e possuíam uma história em comum. Por exemplo, os maias e os astecas faziam parte de uma mesma região cultural, o que explica algumas das semelhanças e das relações existentes entre eles.

Na verdade, existiram dezenas de regiões culturais em todo o continente americano, e em cada uma delas desenvolveu-se um modo de vida e de pensamento com características próprias. No mapa da página anterior, podemos observar algumas das principais regiões culturais da América antes da chegada dos europeus e o nome de alguns de seus povos.

Seguindo essa linha de raciocínio, podemos compreender por que a resposta para a questão do título deste capítulo pode variar: simplesmente depende de qual grupo indígena se esteja tratando. Os modos de vida eram muito variados, havia povos sedentários dedicados à agricultura, povos construtores de cidades, outros nômades dedicados à coleta e à caça, alguns pescadores, outros comerciantes, além de haver povos que combinavam todas essas atividades e os que alteraram profundamente o modo de vida ao longo de sua história.

Tendo consciência dessa diversidade, compreendemos por que não é possível generalizar a história e a cultura dos diversos povos indígenas, como se todos vivessem da mesma forma e tivessem passado pelo mesmo processo histórico. Desrespeitar essas diferenças é o mesmo que não levar em conta a história dos distintos povos europeus, procurando, com uma única explicação, abarcar, por exemplo, os gregos do período homérico e os chamados povos bárbaros do início da Idade Média.

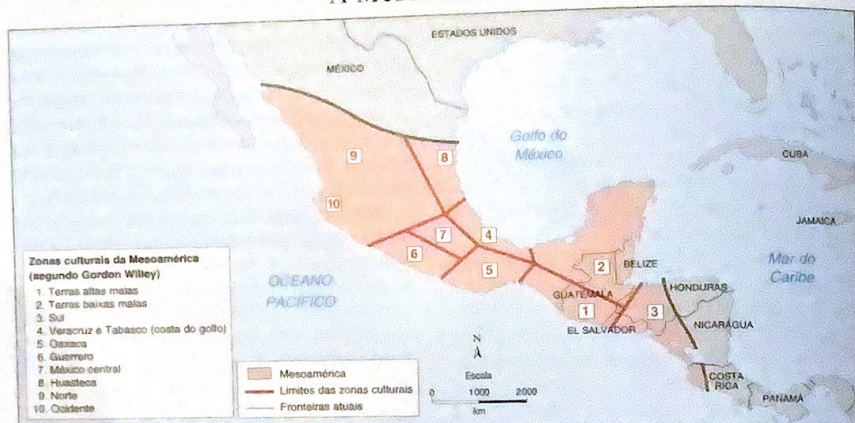
Entretanto, é bastante comum se divulgarem explicações genéricas e truncadas sobre os povos indígenas americanos, embora não se faça o mesmo a respeito dos povos europeus.

Em outras palavras, por que aprendemos até o nome de alguns participantes da Revolução Francesa se desconhecemos os nomes de povos indígenas? Se fazemos parte de um país formado a partir da convivência e do confronto entre europeus, indígenas e africanos, por que privilegiamos o estudo da história de um grupo e dedicamos aos demais apenas umas poucas linhas em nossos livros didáticos?

Parte da resposta a essa pergunta se encontra no fato de que a América e a África foram, por muito tempo, os principais alvos da dominação colonial praticada pelos povos europeus. E os europeus justificavam essa dominação — responsável pela morte, escravidão e afastamento das terras de origem de milhões de indígenas e africanos — com o argumento de que os habitantes desses dois continentes eram primitivos, bárbaros e idólatras, isto é, adoravam imagens representantes de falsos deuses. Dessa forma, no pensamento da maioria dos europeus e de seus descendentes nascidos na América, todos os povos indígenas e africanos eram inferiores, não passavam de objetos a serem utilizados ou de pobres almas que deveriam ser guiadas pelos interesses políticos, econômicos e religiosos dos impérios europeus.

Esse tipo de pensamento, usado para justificar as colonizações, também foi utilizado durante muito tempo por grande parte dos livros de História, escritos pelos próprios europeus e seus descendentes na América desde o início do período colonial até meados do século XX. Tais livros ajudaram a difundir a idéia de que somente os homens brancos eram os protagonistas da história, isto é, eram as personagens principais que faziam a história acontecer. É isso, durante muito tempo, não favoreceu o desenvolvimento do interesse pela história e pela cultura dos povos africanos ou indígenas. Entretanto, principalmente nas últimas décadas, essa linha de raciocínio tem sido alterada, e a história particular dos povos indígenas e africanos passou a ser pesquisada, assim como suas participações na história da América durante o período de colonização e após o processo de independência das nações americanas.

## A Mesoamérica



Adaptado de: G. Daby (dir.) Atlas historique Larousse, Paris, Larousse, 1987

Feitas essas reflexões gerais sobre os problemas e os preconceitos que envolvem os estudos históricos (pesquisas que procuram conhecer o passado por meio de escritos, imagens e outras formas de registro) dos povos indígenas, vamos voltar à discussão a respeito da região cultural a ser estudada neste livro para, logo em seguida, tratarmos de suas cidades.

Provavelmente, você já leu alguma coisa a respeito dos maias e dos astecas em seus livros de História, pois a maioria deles traz algumas informações sobre esses dois povos.

Como mencionamos anteriormente, maias e astecas habitavam territórios que hoje constituem parte do México e da América Central. Esses territórios formavam uma grande região cultural, habitada por centenas de outros grupos, com os quais os maias e astecas compartilhavam diversas características. No mapa acima podemos observar os limites dessa região cultural e notar que não coincidem com as fronteiras atuais do México ou dos países da América Central. A antiga região cultural indígena é uma realidade de tempos pré-hispânicos, ou seja, anterior à chegada dos espanhóis à América, que abrangia desde as regiões cen-

tro e sul do México, passava por Belize, Guatemala e El Salvador, e chegava até parte de Honduras, Nicarágua e Costa Rica.

Desse modo, não é totalmente correto utilizar as expressões México indígena ou América Central indígena para se referir à região cultural de que tratamos. Sendo assim, os estudiosos criaram um outro nome para essa região: Mesoamérica, nome que passaremos a utilizar a partir de agora.

Uma das principais características culturais dos povos mesoamericanos em geral era o cultivo de dezenas de espécies de milho e a fabricação de uma massa que servia de base para o preparo de diversos tipos de comida. Chamada *nixtamal*, essa massa era preparada a partir dos grãos de milho secos e armazenados. Alguns dias antes de sua utilização, os grãos eram submersos em água com cal e, depois de amolecidos, eram moídos em uma base de pedra retangular e ligeiramente côncava, sobre a qual se friccionava um bastão de pedra curto e grosso, que era segurado em suas duas extremidades, como podemos observar na foto da página 12. A partir dessa massa preparava-se, por exemplo, a famosa tortilha, a ser assada aberta sobre uma pedra quente.

## Na base da humanidade, o milho

O milho era o principal produto agrícola da Mesoamérica e a base da alimentação de seus povos. Sua origem, ainda hoje, é motivo de discussões e polêmicas entre os cientistas, pois trata-se de uma planta que não existia tal qual a conhecemos. Isso significa que as variedades de milho cultivadas por toda a América indígena foram desenvolvidas, adaptadas e transformadas a partir de uma outra planta, muito diferente das variedades de milho que conhecemos, as quais dependem exclusivamente do cultivo humano, pois não possuem órgãos de reprodução que funcionem sem a ajuda do ser humano. Os povos indígenas mesoamericanos possuíam consciência dessa relação de dependência mútua entre o ser humano e o milho e a registravam em suas explicações sobre a origem da humanidade. No Popol vuh, livro maiá que narra as diversas criações e destruições pelas quais o mundo e a humanidade teriam passado, o milho é citado como a matéria-prima com a qual os deuses confeccionaram os seres humanos atuais: seus corpos foram feitos a partir da massa do milho.

Na Leyenda de los soles, texto asteca que também trata das diversas criações e destruições do mundo, o milho é citado como o alimento com o qual os deuses nutriram a humanidade atual. E, para conseguir o milho, os deuses tiveram que pedir ajuda às formigas, que o traziam de uma montanha e, pelo que mostra o relato, não estavam muito preocupadas com a criação da humanidade. Acompanhemos um pequeno trecho do relato:

Os deuses disseram entre si depois de criar o homem: "O que os homens comerão, oh deuses? Vamos já todos buscar o alimento". Enquanto isso, as formigas vermelhas estavam colhendo e carregando os grãos de

milho que traziam de dentro do Tonacatepetl (Montanha do Sustento). O deus Quetzalcoatl encontrou as formigas e lhes disse: "Digam-me, onde vocês colheram os grãos de milho?". Muitas vezes lhes perguntou, mas as formigas não quiseram responder. Algum tempo depois, as formigas disseram a Quetzalcoatl: "Lá". E apontaram o lugar. Quetzalcoatl se transformou em formiga negra e as acompanhou. Desse modo, Quetzalcoatl acompanhou as formigas vermelhas até o depósito, arranjou o milho e em seguida o levou a Tamoanchan (moradia dos deuses e onde o homem havia sido criado). Ali os deuses o mastigaram e o puseram em nossa boca para nos robustecer.

(Leyenda de los soles. In: *Códice Chimalpopoca*. México: Universidad Nacional Autónoma de México/Instituto de Historia, 1945. Trecho traduzido e adaptado pelo autor.)



Senhora indígena mexicana com uma oferenda de diversos tipos de milho, na festa do Niñoan, em Xochimilco, região metropolitana do México, D.F.

Nessa estatueta em cerâmica proveniente de Jalisco, México, mulher mói milho em um metlatl, instrumento característico da região mesoamericana.



Usando Manuel Klim/Raíces

Outra característica cultural dos povos mesoamericanos foi o desenvolvimento e a utilização de um *calendário*, um sistema de medida temporal bastante preciso e complexo, composto basicamente por dois ciclos de durações diferentes, que funcionavam de forma paralela e combinada. Um dos ciclos relacionava-se com as estações do ano e possuía 365 dias, divididos em dezoito grupos de vinte dias cada. A passagem de um período de vinte dias para outro era marcada por festas, vinculadas às estações do ano e suas tarefas, como, por exemplo, o preparo da terra, o plantio e a colheita do milho. No final do ano, havia um período de cinco dias, que completava o ciclo, durante os quais nada deveria ser feito, pois eram considerados dias de azar. O outro ciclo era de 260 dias e dividia-se em vinte grupos de treze dias. Esse ciclo não se relacionava diretamente com nenhum fenômeno astronômico e era utilizado principalmente para fazer previsões sobre a sorte das pessoas e sobre o sucesso ou o fracasso das atividades a serem realizadas.

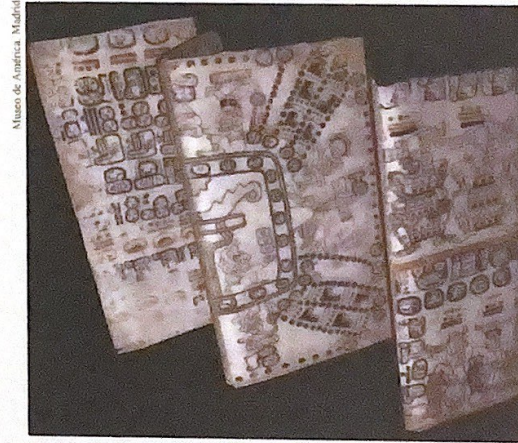
Como esses ciclos tinham durações diferentes, o menor completava a primeira volta e começava uma segunda volta antes que o maior

tivesse completado a primeira. Para saber como esses ciclos se combinavam e quando os dias iniciais voltavam a coincidir, é preciso calcular o mínimo múltiplo comum entre as durações dos dois ciclos, isto é, entre 365 e 260 dias. Esse mínimo múltiplo comum é 18 980, ou seja, depois desse número de dias o início dos dois ciclos voltaria a coincidir. Para descobrir a quantos anos isso equivale, basta dividir 18 980 dias pela duração do ano, isto é, por 365 dias. Assim, descobrimos que, depois de exatamente 52 anos, os dois ciclos iniciavam-se novamente juntos. Esse período era considerado uma espécie de século na Mesoamérica.

Além desse complexo calendário, os povos mesoamericanos também desenvolveram uma escrita pictográfica. Essa escrita combinava representações pictóricas (pinturas), sinais ideográficos (representam idéias) e sinais fonéticos (representam sons). Era utilizada para registrar os ciclos do calendário, a história de cada comunidade e as explicações sobre as origens do mundo, dos deuses e dos seres humanos. Foi utilizada na produção de livros que atualmente são chamados de códices. Confeccionados geralmente a partir da pele de animais ou com o *papel amate*<sup>1</sup>, esses livros podiam ser enrolados como um pergaminho ou dobrados como uma sanfona. Na figura da página à direita, foto de um antigo livro indígena chamado *Códice Madri*, podemos observar o formato de sanfona e alguns elementos do sistema de escrita pictográfica, também utilizado em pinturas murais, sobre cerâmica e em estelas, que eram placas de pedra, com inscrições de datas e de acontecimentos, postas em locais públicos.

Os povos mesoamericanos também possuíam em comum uma série de convicções e explicações sobre as origens do mundo, dos deuses e dos seres humanos. Supunham que, antes da humanidade e do mundo atuais, existiram outras quatro ou cinco eras ou idades.

<sup>1</sup>Papel amate era um papel produzido a partir da casca da figueira e utilizado, entre outras coisas, para a confecção de livros em escrita pictográfica.



Museo de América, Madrid

O Códice Madri, em seu formato sanfonado original.

as quais foram destruídas parcialmente por grandes cataclismos, isto é, grandes desastres naturais, como, por exemplo, um terremoto, um furacão ou uma inundação. Desse modo, o mundo e o gênero humano então conhecidos eram vistos como algo provisório, ou seja, algo que existia graças a um equilíbrio frágil e que dependia da ação humana para ser mantido.

Segundo as convicções desses povos, para garantir essa continuidade pelo maior tempo possível, os seres humanos deveriam fazer o mesmo que os deuses haviam feito na criação do mundo e do ser humano. Uma vez que se imaginava que dois deuses haviam se jogado em uma enorme fogueira e se transformado no Sol e na Lua, e que os demais deuses haviam derramado parte de seu sangue para criar o ser humano, esperava-se que os indivíduos sacrificassem seu próprio sangue e o de outros seres humanos para que o mundo continuasse a existir. Assim, os rituais em que as pessoas derramavam seu pró-

prio sangue eram comuns na Mesoamérica. E também havia ocasiões nas quais guerreiros capturados em batalhas ou escravos eram mortos de acordo com determinados rituais.

Uma outra idéia compartilhada pelos povos mesoamericanos era a de que o mundo ao redor deles estava dividido em vários níveis e direções diferentes, dos quais provinha uma série de influências que atingia o centro do mundo, isto é, o local onde cada comunidade habitava. O espaço horizontal estaria dividido em quatro direções que rodeavam o centro, como as pétalas de uma flor. Já o espaço vertical estaria dividido em treze níveis celestes e nove níveis de *inframundos*<sup>2</sup>, pelos quais circulavam os deuses e os seres humanos falecidos. Veremos mais adiante que essas concepções

estavam presentes de modo muito ativo na organização e na construção das cidades, concebidas como uma espécie de universo em miniatura.

Outra prática comum aos povos mesoamericanos foi a construção de cidades, que funcionavam como centros populacionais, comerciais, políticos e religiosos, que se contavam aos milhares. Além disso, as cidades mesoamericanas também serviam para dar identidade grupal aos seus habitantes, ou seja, as pessoas se reconheciam como pertencentes a tal cidade e não como "indígena", termo que começou a ser utilizado pelos espanhóis para referir-se aos milhares de grupos que se diferenciavam entre si e se auto-denominavam mexicas, cholultecas, tlaxcaltecas, dependendo da cidade que habitavam.

De todas essas cidades, encontramos vestígios de complexos conjuntos arquitetônicos, formados por pirâmides, templos, palácios e campos para a prática do jogo de bola. Esses são os próximos assuntos deste livro.

<sup>2</sup>Segundo os indígenas mesoamericanos, inframundos eram níveis situados abaixo da superfície terrestre, nos quais reinava Mictlantecuhtli.

## CIDADES E PIRÂMIDES DA MESOAMÉRICA

Muitas pessoas consideram que nossa cultura e civilização, caracterizadas principalmente pela vida urbana e pela tecnologia industrial, constituem o modelo ideal a partir do qual devemos julgar os outros povos e culturas. O fato de hoje a maioria da população mundial viver em cidades e utilizar aparatos tecnológicos, como o automóvel ou o computador, não significa que esse tenha sido o ideal de todos os povos no passado, nem que seja o ideal de todas as culturas do mundo atual.

Em geral, ao comparar cidades, pirâmides e outros monumentos de pedra feitos pelos povos da Mesoamérica ou da região dos Andes com aldeias e obras feitas pelos povos indígenas localizados no Brasil, muitos pensam que os maias ou os incas eram "mais desenvolvidos" do que os indígenas de nosso território.

É aconselhável, porém, ter muito cuidado com esse tipo de pensamento, pois a classificação de alguns povos indígenas como "mais desenvolvidos" pelo fato de terem construído cidades baseia-se em idéias falsas. Uma dessas idéias enganosas é que todos os povos indígenas tentaram construir cidades e apenas uns poucos conseguiram. Se os povos indígenas mesoamericanos construíram centros urbanos e, por exemplo, os indígenas da região amazônica não fizeram o mesmo, é porque esses dois grupos responderam a desafios naturais e históricos diferentes e construíram modos de vida e de pensamento distintos. E essa diversidade não significa que um grupo seja superior ao outro, pois ambos responderam eficientemente aos desafios que lhes foram apresentados ao longo de sua história.

**Marcante nas cidades olmecas, a prática de planejar o traçado urbano guiou a construção das cidades mesoamericanas posteriores.**

## Os centros cerimoniais olmecas

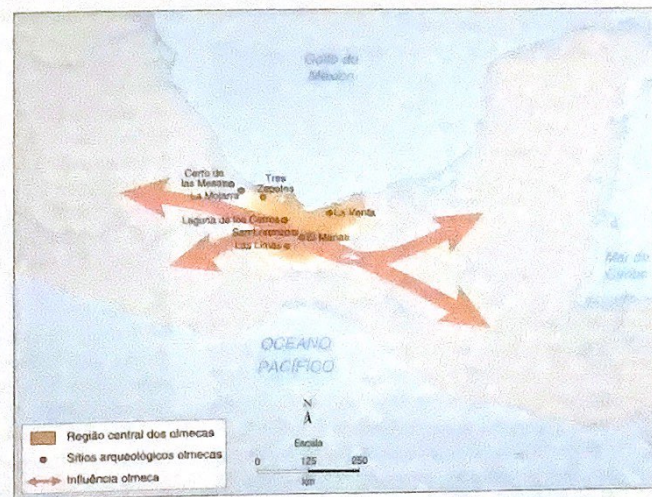
Demos um primeiro passo para entender as cidades mesoamericanas ao mencionarmos que os maias e os astecas (ou mexicas) eram apenas dois dos inúmeros povos que habitavam uma mesma região cultural. Na verdade, algumas das características das famosas cidades maias, como Tikal, ou astecas, como Tenochtitlan, não eram exclusividade desses dois povos. Tanto as cidades maias como as astecas faziam parte de um fenômeno muito mais amplo, que envolveu dezenas de outros povos e centenas de outros centros urbanos ao longo de pelo menos três mil anos.

O processo histórico de aparecimento das cidades na Mesoamérica iniciou-se muitos séculos antes de as primeiras cidades maias ou astecas serem construídas. Por meio dos estudos arqueológicos, é possível saber que, a partir do ano 2500 a.C., ocorreu na região uma série de mudanças que dariam origem aos primeiros centros cerimoniais e às primeiras cidades. A causa dessas mudanças pode ser resumida em um fato: o desenvolvimento do sedentarismo agrícola. Isto é, por razões desconhecidas, os povos que habitavam a região passaram a cultivar plantas de forma mais intensa, principalmente o milho, e esses cultivos demandavam maior fixação da população em determinados locais. Esse

fenômeno trouxe como consequência o crescimento das aldeias e a necessidade de maior produção de instrumentos de cerâmica, muito úteis no processamento dos alimentos e no armazenamento do excedente.

Essas mudanças ocorreram em várias partes da Mesoamérica, mas foi principalmente na região do golfo do México que os habitantes das aldeias em crescimento planejaram e construíram os primeiros grandes centros cerimoniais. Essa região, que pode ser observada no mapa abaixo, possuía características tropicais e era habitada pelos olmecas, povo sobre o qual sabemos muito pouco, mas que seguramente foi o responsável pela organização e pela difusão de realizações culturais muito importantes para a história da região, isto é, conhecimentos, técnicas e hábitos que teriam uma longa vida entre os demais povos mesoamericanos. E entre essas realizações estava a construção dos centros cerimoniais que se tornariam as primeiras cidades mesoamericanas.

### Os olmecas



Fonte: C. McEwan, *Ancient Mexico in the British Museum*, London: British Museum Press, 1995.



Os centros cerimoniais olmecas eram compostos por estruturas e edifícios piramidais, retangulares ou ovais, construídos com madeira, pedra, areia, barro e palha. Acredita-se que esses centros serviam como locais de reunião para os habitantes das aldeias agrícolas vizinhas, que aí realizavam suas práticas religiosas, tomavam suas decisões políticas e praticavam o comércio.

Mencionamos que esses centros cerimoniais muitas vezes se tornaram cidades, mas não esclarecemos ainda qual a diferença entre esses dois conceitos. Na verdade, não definimos o que é uma cidade.

Um dos requisitos para a caracterização de uma cidade é a concentração de pessoas, mas apenas isso não define um centro urbano. Na verdade, para definir uma cidade o caminho recomendável é pensar nas atividades desenvolvidas pelo conjunto das pessoas que nela vivem.

De forma geral, podemos afirmar que um conjunto de pessoas que habitam um espaço relativamente restrito forma uma cidade quando grande parte desses indivíduos se dedica a atividades que não estão diretamente ligadas à agricultura ou a outras atividades do setor primário, como a caça, a pesca, a coleta e a extração mineral ou vegetal.

Em geral, nas cidades as pessoas se dedicam ao conjunto de atividades hoje classificadas como setor secundário (vinculado à fabricação de utensílios, armas e roupas ou à construção de edifícios) ou setor terciário (voltado para o comércio, os serviços religiosos e médicos, a administração pública, a segurança ou a guerra). Podemos afirmar que uma cidade se caracteriza principalmente pelo fato de concentrar a produção de bens artesanais ou industriais e por oferecer os serviços religiosos, médicos, políticos e comerciais.

Quanto aos primeiros centros cerimoniais construídos pelos olmecas, não podemos chamá-los de cidades porque seus construtores e frequentadores eram, na grande maioria, agricultores. Ou seja, tratava-se mais de centros de reuniões construídos e frequentados ocasionalmente por agricultores do que de concentra-

ções populacionais nas quais a maioria de seus integrantes se dedicava exclusivamente a atividades industriais, políticas, comerciais ou religiosas. Evidentemente, nesses centros cerimoniais também havia pessoas especializadas na fabricação de utensílios e armas, na construção de edifícios e nas atividades comerciais, religiosas e políticas. Mas esses indivíduos formavam um grupo muito reduzido ou dedicavam apenas parte de seu tempo a essas ocupações, pois suas atividades principais continuavam a ser a agricultura ou a coleta e a caça.

Dedicar-se a dois tipos de atividade somente era possível graças à eficiência das técnicas empregadas na agricultura, na caça, na pesca ou na coleta de frutos e conservação de alimentos. A eficiência nessas áreas, principalmente no cultivo do milho, gerava uma produção de alimentos maior do que as pessoas podiam consumir, o que possibilitava o armazenamento e conseqüentemente a existência de períodos em que certo número de membros da comunidade podia dedicar-se a tarefas desvinculadas da preocupação de conseguir sua própria alimentação.

O aumento da eficiência na produção e na conservação de alimentos permitiu, cada vez mais, que um número maior de pessoas se dedicasse exclusivamente às atividades secundárias e terciárias e passasse a residir, de forma fixa, nos centros cerimoniais. Então muitos desses centros foram se tornando cidades. As cidades olmecas foram as primeiras da região da Mesoamérica e podem ser localizadas no mapa da página 15.

Na maioria dos casos, tais centros cerimoniais e cidades formaram-se entre povos voltados basicamente para a agricultura, atividade que exige maior fixação da população e que, por isso mesmo, favorece a criação de um centro fixo de reuniões e práticas políticas e religiosas. Denominado sedentarismo agrícola, esse processo se iniciou na região mesoamericana entre 3000 e 2500 a.C. e marca o início do período Pré-Clássico. Um marco desse período da história mesoamericana foi justamente a construção, por parte dos olmecas, de centros cerimoniais e de cidades.

## Outros rumos

Os grupos indígenas dedicados sobretudo à coleta de vegetais, à caça ou à pesca — como, por exemplo, os chichimecas, que habitavam as regiões semi-áridas ao norte da Mesoamérica — possuíam conhecimentos sofisticados da fauna e da flora, além de técnicas muito eficientes de obtenção de alimentos. Isso permitia que eles dedicassem boa parte de seu tempo, talvez mais do que

menos de uma cidade para fixar os membros da comunidade dedicados prioritariamente a tais atividades.

Na imagem a seguir, podemos observar dois governantes chichimecas vestindo peles e portando arcos e flechas. Exímios arqueiros, os chichimecas se orgulhavam de seu modo de vida, relacionado à caça e às regiões semi-áridas.



Chichimecas representados no Códice Tepetlaoztoc.

## As primeiras cidades olmecas

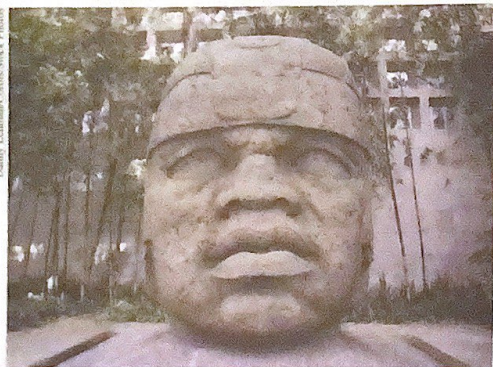
Dos vários centros cerimoniais olmecas que se tornaram cidades, três merecem destaque: San Lorenzo, La Venta e Tres Zapotes. Todas elas se localizam próximo ao golfo do México, conforme podemos observar no mapa da página 15, e apresentam algumas características que, mesmo depois da decadência desses centros urbanos, seriam encontradas em outras cidades mesoamericanas.

A mais antiga das cidades olmecas foi San Lorenzo, que prosperou entre 1200 e 900 a.C. Construída sobre uma pequena montanha

nivelada artificialmente, isto é, pelo trabalho humano, essa cidade tinha garantida uma posição estratégica de defesa contra possíveis ataques de povos inimigos. Calcula-se que mais de mil pessoas habitaram esse centro urbano, no qual se encontram hoje mais de duzentos montículos, isto é, restos de edifícios e construções. Pelos vestígios arqueológicos encontrados, é possível saber que seus habitantes se dedicavam principalmente às práticas religiosas, à fabricação de utensílios e de armas, à construção de edifícios e à produção de peças esculpidas em pedras, entre as quais se destacam as chamadas cabeças colossais olmecas.

Na foto da página seguinte, podemos observar uma entre as quase duas dezenas de cabeças colossais encontradas nas cidades olmecas. Ela mede cerca de 2 metros de altura e foi encontra-

da em escavações arqueológicas recentes. Na foto, podemos notar que não há emendas na pedra, ou seja, trata-se de um único bloco, esculpido e transportado. Durante o período estimado de criação da obra, nessa região da América não se utilizavam ferramentas de metais; os olmecas costumavam usar ferramentas confeccionadas com pedras mais duras para esculpir pedras menos duras, o que era uma técnica bastante habitual entre vários povos da Antiguidade.



*Cabeça colossal esculpida pelos olmecas a partir de um único bloco de pedra.*

Devido às grandes dificuldades e ao enorme tempo gasto na confecção e ao transporte dessas cabeças colossais, podemos afirmar que não se tratava de uma atividade realizada por alguns indivíduos dedicados temporariamente a tal tarefa. Trata-se de peças produzidas por especialistas, que necessitavam do trabalho planejado e coordenado de grande número de pessoas para executar a obra. Para dar conta de um empreendimento dessa importância, era necessária a existência de centros que reunissem, abrigassem e alimentassem todas essas pessoas, que poderiam chegar a ser mais de mil, e que também formassem os trabalhadores especializados no transporte e na escultura

das pedras. Esses centros eram justamente as cidades.

A produção dessas enormes cabeças, que provavelmente retratam governantes ou sacerdotes, estava diretamente relacionada a um outro fenômeno típico das cidades indígenas mesoamericanas: a existência de elites governantes preocupadas em se afirmar diante dos povos inimigos e do restante da sociedade. E, para isso, nada melhor do que demonstrar sua capacidade de reunir e coordenar, sob o objetivo de erguer grandes obras, o trabalho de centenas de pessoas.

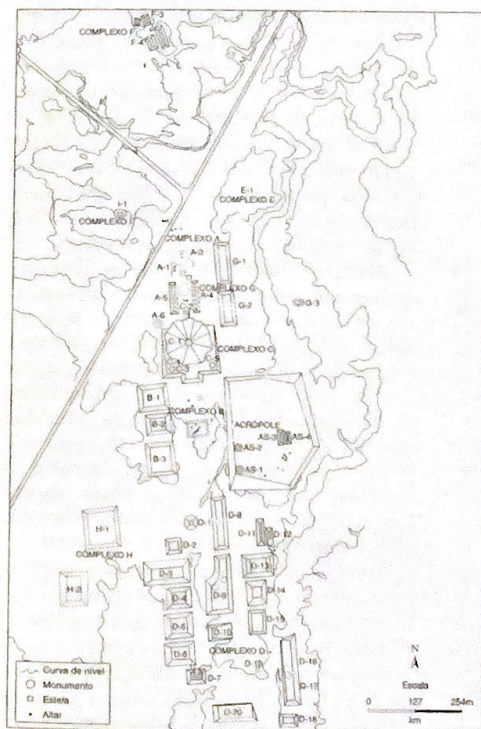
Além das cabeças colossais, nos centros urbanos olmecas também eram produzidos outros tipos de objeto: cerâmicas, instrumentos de trabalho, armas, esculturas de menor porte e enfeites corporais, como colares e brincos. Conhecemos apenas uma pequena parte desses objetos, pois sobreviveram ao tempo apenas os confeccionados com materiais não perecíveis, como a pedra. A grande maioria dos objetos era feita com materiais perecíveis, como madeira e palha, e foram destruídos ao longo dos três mil anos que nos separam dos olmecas.

Outra característica marcante das cidades olmecas, encontrada também nas cidades mesoamericanas posteriores, é o planejamento do traçado urbano. Como exemplo dessa preocupação, podemos observar na figura da página ao lado os desníveis do terreno e o traçado das construções da cidade olmeca de La Venta, edificada e habitada entre 800 e 400 a.C., depois que San Lorenzo, por razões ainda desconhecidas, foi destruída.

Podemos notar que a maioria dos edifícios em La Venta estava alinhada e formava conjuntos de construções que se intercalam com espaços vazios, os quais podemos chamar de corredores ou avenidas. Em vez de seguir as facilidades do relevo, esse tipo de disposição orientava-se por um planejamento, a partir do qual se altera o relevo a fim de que as construções possam ser dispostas conforme linhas e figuras

geométricas imaginárias. Muitas vezes, a disposição das construções e suas formas reproduziam em miniatura a concepção que os olmecas possuíam do espaço. Era muito comum que as cidades estivessem orientadas por eixos relacionados ao nascer e ao pôr-do-sol e que as pirâmides com degraus representassem os níveis celestes ou do inframundo.

### *Desníveis do terreno e traçado das construções da cidade olmeca La Venta*



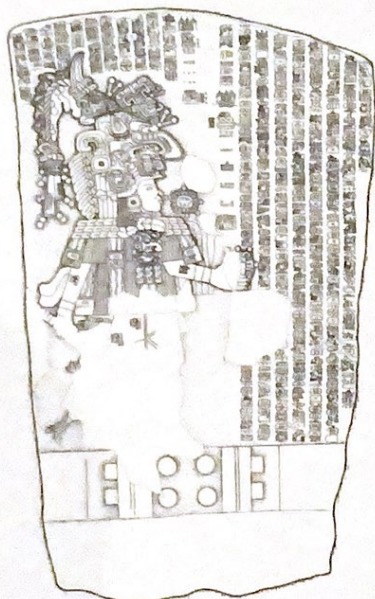
Fonte: L. Manzanilla e L. López Luján (coords.). *Historia antigua de México*. 2. ed. México: Inah/Instituto de Ins. Antropológicas-UNAM/Miguel A. Porrúa, 2001. v. 1.

Uma vez que, tanto para o planejamento quanto para a realização desse tipo de constru-

ção, são necessárias técnicas sofisticadas de medidas e cálculos, podemos concluir que o estabelecimento de uma grande cidade planejada como La Venta tem que ocorrer de forma mais ou menos conjunta com o desenvolvimento dessas técnicas e conhecimentos. Sendo assim, podemos afirmar que a cidade era um centro de desenvolvimento e de reunião desses saberes e técnicas.

A última grande cidade olmeca foi Tres Zapotes, construída a partir do ano 400 a.C., época em que La Venta entrou em decadência e foi abandonada. Em Tres Zapotes encontramos, em um estágio bastante desenvolvido, outra realização que se tornaria típica das cidades mesoamericanas posteriores: os cálculos de calendário registrados em estelas. Placas de pedra colocadas em locais públicos, as estelas eram esculpidas com inscrições que registravam datas e acontecimentos decisivos, como, por exemplo, a morte ou nascimento de algum governante ou a conquista de alguma cidade vizinha por meio de uma guerra.

O registro dessas informações nas estelas era feito por um sistema de escrita baseado tanto em sinais fonéticos, representando os diversos sons da fala, como em sinais ideográficos, representando idéias completas. Encontrou-se um grande número de estelas com textos em cidades influenciadas diretamente pelos olmecas. É o caso das estelas de Monte Albán, cidade que trataremos mais adiante, e da famosa estela La Mojarra, cujo desenho pode ser visto na página seguinte. Essa estela foi produzida em uma região influenciada pelos olmecas por volta do século II d.C., época caracterizada pela decadência olmeca e pelo desenvolvimento de outros centros urbanos importantes, fato esse usado para marcar o fim do período Pré-Clássico e o início do período Clássico da história mesoamericana.



Nesse desenho, reprodução do texto da estela La Mojarra, um dos mais antigos registros escritos da região mesoamericana. Encontrada na região do golfo do México, a estela traz as datas de 143 e 156 d.C.

Apoiados no conhecimento da existência de estelas com inscrições complexas em Tres Zapotes, podemos supor que o sistema de escrita havia sido iniciado e desenvolvido muito tempo antes na região, talvez ainda com os olmecas de San Lorenzo, uma vez que nenhum sistema de escrita se constrói de um dia para outro.

A presença dessas estelas com inscrições pode indicar também a existência, na sociedade olmeca, de grupos especializados em governar. Em geral, quando existe desigualdade e hierarquia entre os membros de uma sociedade, os que desempenham funções de comando e vivem de tributos precisam ser aceitos pelos demais integrantes da sociedade. E uma

das formas de fazer isso é justamente registrar e narrar as realizações dessa elite e as de seus antepassados em locais públicos, onde elas possam ser conhecidas por um grande número de pessoas. Que lugar melhor para isso do que as praças centrais dos centros urbanos? As cidades mesoamericanas eram não só o lugar em que vivia a elite governante, mas também o local onde essa elite fazia propaganda de suas realizações.

As cidades olmecas eram também centros comerciais, nos quais se reuniam comerciantes vindos de regiões vizinhas e distantes, que traziam produtos das selvas tropicais ao sul, como plumas de aves e cacau, ou das regiões do centro e norte do México, como pedras preciosas ou peles de animais. Nas cidades olmecas, podia-se trocar esses produtos por artigos confeccionados pelos artesãos locais, como enfeites corporais ou estatuetas. Além disso, seus comerciantes viajavam, levando produtos a regiões vizinhas e a localidades distantes.

Para que o comércio entre povos diferentes funcionasse, era necessário que tais comunidades entendessem umas às outras, ou seja, era preciso saber o idioma do outro, entender suas necessidades e seus gostos, conhecer a época em que teriam mercadorias disponíveis para trocar, conhecer as elites políticas, saber das relações de alianças e guerras e assim por diante. Esse raciocínio nos leva à conclusão de que onde há comércio não se trocam apenas mercadorias, trocam-se também idiomas, idéias, técnicas e conhecimentos em geral.

Uma vez que as cidades olmecas reuniam características de centros comerciais desenvolvidos, elas funcionavam como centros de difusão e de recepção de técnicas, idéias e conhecimentos que marcaram o modo de vida de muitos povos durante o período Pré-Clássico. Esse comércio intenso e constante contribuiu muito para a formação de um modo de vida e de pensamento mais ou menos comum entre diversos povos indígenas, os quais foram agrupados pelos estudiosos e chamados de povos mesoamericanos.

## As cidades teotihuacanas, maias e zapotecas

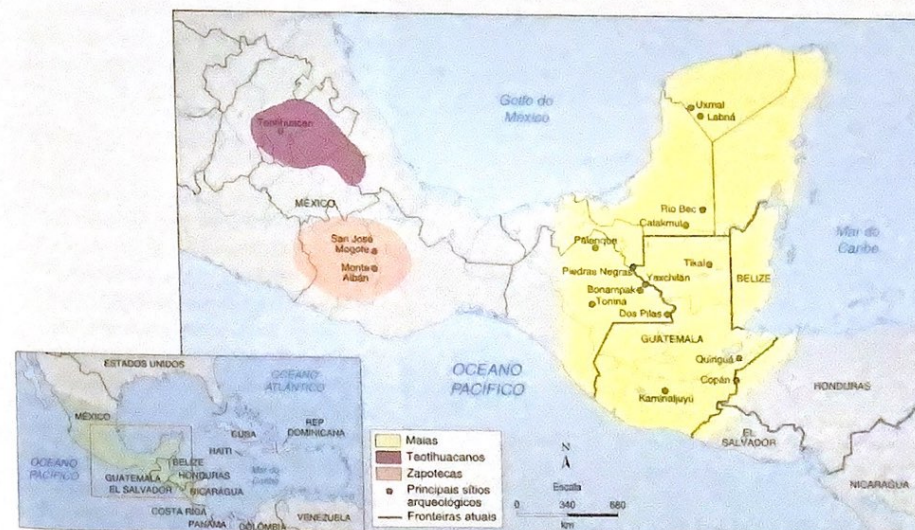
Depois da decadência das cidades olmecas, outros centros urbanos desenvolveram-se em diferentes partes da Mesoamérica, e distintas comunidades passaram a assumir o lugar de domínio comercial e cultural antes ocupado pelos olmecas. Entre os povos mesoamericanos responsáveis pela construção de grandes cidades após a decadência olmeca, podemos destacar três: teotihuacanos, maias e zapotecas.

As cidades desses três povos, cujas localizações podem ser observadas no mapa abaixo, tornaram-se centros de difusão e de reunião comercial e cultural durante esse novo período

histórico, que vai aproximadamente do início da Era Cristã até o século IX e é chamado pelos estudiosos de período Clássico. Embora nessas cidades fosse possível notar diversas características das antigas cidades olmecas, nelas também havia marcas exclusivas da cultura local e incorporação de características de outros povos.

A maior cidade desse novo período histórico foi Teotihuacan, situada na região do Altiplano Central Mexicano, conforme podemos observar no mapa abaixo. Essa cidade começou a ser construída pelos teotihuacanos por volta do ano 200 a.C., e depois de algum tempo tornou-se um local de contato importante entre as diversas rotas comerciais, que levavam e traziam mercadorias de regiões distantes umas das outras, como a região olmeca do golfo do México, a região maia do sudeste do México, a região zapoteca de Oaxaca e a região chichimeca ao norte da Mesoamérica.

### Período Clássico: principais cidades teotihuacanas, maias e zapotecas



Adaptado de: G. Duby, Atlas historique. Paris: Larousse, 1987

Essa cidade chegou a contar com uma população de 120 a 150 mil pessoas, distribuídas por uma área de 20 quilômetros quadrados. Esses números podem parecer pequenos hoje, quando há inúmeras cidades que possuem populações com mais de 1 milhão de habitantes. Mas não podemos perder de vista que esse enorme crescimento das cidades é um fenômeno muito recente, que tomou proporções mundiais nos últimos cem ou duzentos anos.

Na época em que surgiu e se desenvolveu Teotihuacan, eram poucas as cidades no mundo que tinham mais de 50 mil habitantes. Sabermos que a maioria das cidades tinha pequenas populações nos leva a supor que deveriam ser muitas as dificuldades a serem superadas para que a vida de muita gente se tornasse possível em um espaço relativamente pequeno. E para superar dificuldades típicas da vida em cidades, como, por exemplo, a obtenção de água potável ou de alimentos para quem não trabalhava na agricultura, foram necessários longos períodos de trabalho em obras públicas, o aprimoramento de técnicas agrícolas, o desenvolvimento do comércio e mesmo as guerras, que garantiam o funcionamento de rotas comerciais e a cobrança de impostos sobre outros povos.

Cidade planejada, assim como a olmeca La Venta, Teotihuacan possuía avenidas ou corre-

dores que se distribuíam a partir de uma larga e comprida avenida central, chamada Avenida dos Mortos. Além disso, Teotihuacan contava com redes de abastecimento e de drenagem de água, palácios para seus governantes, bairros inteiros habitados por artesãos especializados, grandes mercados e edifícios destinados às práticas religiosas. A existência de todas essas construções nos indica que as atividades políticas, artesanais, comerciais e religiosas eram muito relevantes nessa cidade, sendo responsáveis por sua grandeza.

Todas essas informações a respeito de Teotihuacan foram obtidas a partir de estudos realizados com os objetos encontrados no sítio arqueológico, lugar onde se pode achar ainda hoje vestígios materiais deixados pelos antigos teotihuacanos. As primeiras escavações arqueológicas em Teotihuacan dedicaram-se basicamente a encontrar objetos de valor artístico, como estátuas, e a reconstruir alguns dos maiores e mais importantes edifícios, como a Pirâmide do Sol, a Pirâmide da Lua e boa parte das construções que fazem frente para a Avenida dos Mortos. Mas muitas dessas reconstruções foram feitas a partir de como os arqueólogos imaginavam que havia sido o edifício, e essas elaborações imaginárias muitas vezes não correspondem à realidade.

### O novo olhar dos arqueólogos

*Os arqueólogos do século XIX e da primeira metade do século XX reconstruíam os edifícios das antigas cidades indígenas a partir da idéia que eles formavam a respeito de como havia sido cada um dos edifícios a serem reconstruídos.*

*Os arqueólogos atuais partem de outra perspectiva, preocupam-se sobretudo com a conservação das ruínas e com a realização de escavações que tragam à tona vestígios capazes de nos levar a entender a vida e a história dos habitantes dessas cidades. E, desse ponto de vista, todo tipo de objeto encontrado é*

*valioso, principalmente quando achado em seu local de produção ou de uso. Além disso, os arqueólogos de hoje também se dedicam a escavações nos arredores dos centros urbanos, locais onde se situavam as habitações das pessoas que pertenciam às camadas mais baixas da população. Nesses lugares, os pesquisadores encontram vestígios que permitem ter uma noção, por exemplo, de quantas pessoas viviam em cada habitação, a que distância uma habitação estava da outra, o que comiam essas pessoas, quanto tempo viviam e muitas outras informações.*



Carlos Blanco/Raíces

*Vista geral de Teotihuacan. No canto superior esquerdo da foto, destaca-se a Pirâmide do Sol e, na parte inferior, a Pirâmide da Lua.*

Observando a figura acima, é possível perceber quais edifícios foram reconstruídos pelos arqueólogos? Praticamente todos os que possuem frente para a grande avenida que cruza quase toda a cidade foram reconstruídos. Os montes verdes cobertos de vegetação e fora dessa avenida também são restos de construções; a maioria delas, em forma de pirâmide, não foi refeita pelos arqueólogos.

Levando em conta essas construções e suas dimensões monumentais, é possível perceber que um enorme número de trabalhadores e um bom espaço de tempo foram necessários para a construção de toda essa cidade.

Além disso, é interessante pensar que, quando olhamos para os restos de uma cidade, cujo conjunto pode ser chamado de sítio arqueológico, é como se estivéssemos olhando para o esqueleto, para os restos ósseos de um ser que possuía cor, vida e movimento. No caso de Teotihuacan, suas construções de pedra eram revestidas de camadas de estuque (uma espécie de reboco), que, por sua vez, costumavam ser cobertas de cores vivas e pinturas de animais, plantas, seres humanos, deuses e sacerdotes, ou

seja, tratava-se de um centro colorido, cheio de vida. Podemos ter uma idéia dessa festa de cores a partir de alguns fragmentos das pinturas em paredes que foram recobertas por outras construções, e que assim foram preservadas da ação destrutiva das chuvas, do sol e do vento, como o mural de Tepantitla, para o qual pode ser vista na figura abaixo.



Marco Antonio Pacheco/Raíces

*Nessa pintura do mural de Tepantitla, em Teotihuacan, representação de Tlalocan, habitação do deus Tlaloc. A profusão de plantas, animais e gotas de água em sua imagem refere-se ao fato de essa ser uma divindade vinculada às chuvas, à fertilidade e à abundância.*

Nessa pintura mural, podemos também ter uma pequena noção de como os governantes ou sacerdotes de Teotihuacan vestiam-se, penteavam-se e que tipos de enfeite corporal usavam. E para isso basta observar as duas personagens que estão na parte de baixo da imagem, na extrema direita e extrema esquerda.

Ao mesmo tempo que Teotihuacan tornava-se uma grande cidade e passava a influenciar o comércio e a cultura de todo o Altiplano Central e regiões vizinhas, uma série de outros centros urbanos surgia ou desenvolvia-se na região ocupada pelos povos maias, que abrangia todo o sudeste do México, partes de Belize, Guatemala e Honduras, conforme podemos observar no mapa da página 21.

Nenhuma das centenas de cidades maias que se desenvolveram nesse período chegou a submeter todas as outras cidades da região, como fez Teotihuacan no Altiplano Central mexicano e regiões vizinhas. No caso do território maia, existiram mais de vinte grandes capitais de reinos independentes e competidores, algumas das quais chegaram a ter 40 mil habitantes.

Algumas das mais importantes capitais maias foram Palenque, Piedras Negras, Bonampak, Tikal, Yaxchilán, Calakmul, Uxmal, Copán, Toniná, Kaminaljuyú e Dos Pilas. Observando esses centros no mapa da página 21, percebemos que entre um e outro havia uma considerável distância geográfica, ocupada por uma série de cidades menores, influenciadas ou dominadas por esses grandes centros urbanos.

Tikal, localizada na atual Guatemala, foi um desses grandes centros urbanos. Chegou a ter mais de trezentos templos, alguns dos quais apresentam semelhanças claras com os estilos arquitetônicos utilizados em Teotihuacan, fato que serve para indicar a existência de relações entre maias e teotihuacanos.

Na figura ao lado, temos uma reprodução de um dos templos de Tikal, o Templo II, situado na região central dessa cidade. Essa foto permite observar que o corpo do templo, em forma de pirâmide com degraus, aparente-

mente não possui entradas ou aberturas. Na verdade, a maioria das pirâmides mesoamericanas eram praticamente maciças, e não possuíam espaços interiores aproveitáveis. Sua função era servir como uma base que colocaria em destaque o edifício construído em sua plataforma superior.



*Templo II da cidade maia de Tikal, localizada na atual Guatemala, e várias estelas que rodeiam essa construção.*

O Templo II de Tikal exemplifica essa estrutura. No topo da pirâmide há uma construção menor, à qual se tinha acesso por uma longa escada, formada por dezenas de pequenos degraus e que permitia uma subida tranquila.

O edifício que se encontra no topo da pirâmide possui uma entrada pequena se compa-

rada ao tamanho de toda a construção. E isso nos permite supor que essa porta era um acesso restrito, permitido apenas a um reduzido número de pessoas especiais, que, quando por ali entravam ou saíam, podiam ser observadas por um grande número de indivíduos, devido à altura e posição de destaque da construção. E justamente na parte de baixo, junto à base da pirâmide, há uma enorme praça, que poderia comportar um bom número de pessoas observando o que acontecia no topo da construção.

Nesse mesmo pátio há uma série de placas de pedras fixas ao solo por uma de suas extremidades. Trata-se das estelas, que, como vimos, serviam principalmente para registrar os feitos dos governantes e dos sacerdotes e os acontecimentos que envolviam toda a cidade, tal como uma guerra. Mencionamos também que uma das funções desses registros era divulgar uma imagem favorável dos governantes para a cidade. Daí as estelas serem colocadas justamente onde um grande número de pessoas pudesse ver o que nelas se registrava, e não na plataforma superior da pirâmide.

De acordo com o raciocínio que estamos seguindo, é possível supor que essas construções provavelmente indicam a existência de uma sociedade dividida e hierarquizada. Uma sociedade na qual pequenos grupos tinham acesso a lugares exclusivos e permissão para praticar ações especiais, como um ritual por exemplo, as quais eram vistas por agrupamentos de pessoas, que não podiam ocupar os mesmos lugares nem realizar as mesmas ações.

Essas informações são confirmadas pelos estudos arqueológicos realizados nos últimos trinta ou quarenta anos. Essas pesquisas mostram que o crescimento e as disputas entre os grandes centros políticos e comerciais maias resultaram no enriquecimento das elites governantes e dos sacerdotes e no empobrecimento dos camponeses e das camadas mais baixas da população. Isso porque os camponeses eram obrigados a pagar cada vez mais

impostos para financiar as novas construções dos centros urbanos e as guerras de conquista de outras cidades. Essas conclusões foram obtidas a partir do estudo dos esqueletos humanos desse período, que mostram uma evidente diminuição da estatura média dos camponeses, resultante da piora na alimentação ao longo dos séculos de crescimento desses centros urbanos.

Sendo assim, vale a pena observar que a existência de construções gigantescas não é sinal de prosperidade da sociedade como um todo, pois muitas vezes acontece justamente o contrário em períodos de construção de monumentos desse porte, ou seja, as camadas mais baixas da sociedade são mais exploradas e tornam-se mais pobres para sustentar as grandes obras arquitetônicas e seus dirigentes.

Ao mesmo tempo que as cidades maias e Teotihuacan cresciam, outras cidades ganhavam destaque nas demais regiões da Mesoamérica. Na região do Vale de Oaxaca, por exemplo, algumas cidades zapotecas, como San José Mogote e Monte Albán, que podem ser localizadas no mapa da página 21, aumentavam sua importância. San José Mogote foi o mais antigo centro zapoteca da região, cujo predomínio foi superado por Monte Albán, cidade construída por volta do ano 500 a.C. Rapidamente ela se tornou o centro da vida zapoteca, papel esse que desempenhou ao longo de mais de mil anos.

Monte Albán, assim como a cidade olmeca de San Lorenzo, foi construída sobre o cume de uma montanha nivelada artificialmente, em um local de onde era possível ver e controlar toda a movimentação de pessoas que passavam ou viviam nos vales ao seu redor. Desse modo, essa localização dificultava o ataque de povos inimigos, avistados antes de chegarem à cidade e obrigados a subir até ela por caminhos já determinados, onde poderiam ser facilmente combatidos.

Nesse centro, podemos encontrar uma série de características comuns às demais cidades mesoamericanas: a distribuição planejada

e alinhada das construções no espaço urbano, a existência de edifícios monumentais, o uso de estelas com inscrições e a utilização do sistema de calendário e de escrita para registrar acontecimentos considerados marcantes.

As cidades mesoamericanas também possuíam outra característica em comum, que ainda não foi tratada em detalhes: a presença de um campo para o jogo de bola. Quando relacionamos, no primeiro capítulo, as características determinantes do modo de vida dos povos indígenas mesoamericanos, citamos a existência de um jogo, realizado com uma bola de látex maciça em um campo cercado por plataformas inclinadas e muros. Esses campos foram construídos em praticamente todas as cidades mesoamericanas: desde os primeiros centros olmecas até as cidades astecas, formadas um pouco antes da chegada dos espanhóis.

Antes de enveredarmos por esse jogo (o que será feito no próximo capítulo), tratemos de um momento importante na história da Mesoamérica e de suas cidades: o declínio mais ou menos conjunto dos grandes centros urbanos que dominaram a vida política, comercial e cultural durante todo o chamado período Clássico.

Teotihuacan, algumas grandes cidades maias e Monte Albán conheceram um rápido processo de declínio entre os séculos VII e X. Alguns dos grandes centros urbanos maias, principalmente os das terras baixas do sul, foram abandonados ou tiveram sua população muito reduzida. Teotihuacan também passou por enorme declínio de população e possui sinais de incêndios e destruição em alguns de seus palácios. Monte Albán começou a perder seus domínios para cidades que antes eram suas subordinadas.

O que teria acontecido com essas cidades que durante séculos dominaram o cenário político, econômico e cultural de suas regiões? Por que praticamente todos os antigos centros urbanos entraram em decadência no mesmo período? Essas talvez sejam questões que não

possuam uma resposta única, sendo necessário investigar caso a caso. Incêndios, guerras, lutas internas entre as elites, rebeliões de camponeses, epidemias e mudanças climáticas podem ser alguns dos motivos que, em cada região, combinaram-se de um modo diferente e contribuíram para a desagregação dos antigos centros de poder.

O que podemos apurar é que esse fenômeno de declínio foi acompanhado e seguido por grandes deslocamentos populacionais e pelo florescimento e crescimento de outros centros urbanos em todas as regiões em que os antigos centros entraram em decadência. Um desses grandes movimentos migratórios aconteceu entre os povos que habitavam as regiões ao norte da Mesoamérica, genericamente chamadas chichimecas.

## As cidades tolteca-chichimecas

Sob diversos aspectos, os chichimecas eram muito diferentes dos povos mesoamericanos. Na região que habitavam, ao norte da Mesoamérica, extremamente seca e desértica, a prática da agricultura era bastante difícil. Desse modo, em geral os chichimecas dedicavam-se prioritariamente à coleta e à caça, atividades essas que requerem um conhecimento muito amplo da flora e da fauna local. Além disso, outra característica que distinguia esses povos era a grande habilidade no uso do arco e da flecha, já que os mesoamericanos utilizavam como armas, de forma predominante, as espadas de madeira com pedras cortantes incrustadas nas bordas.

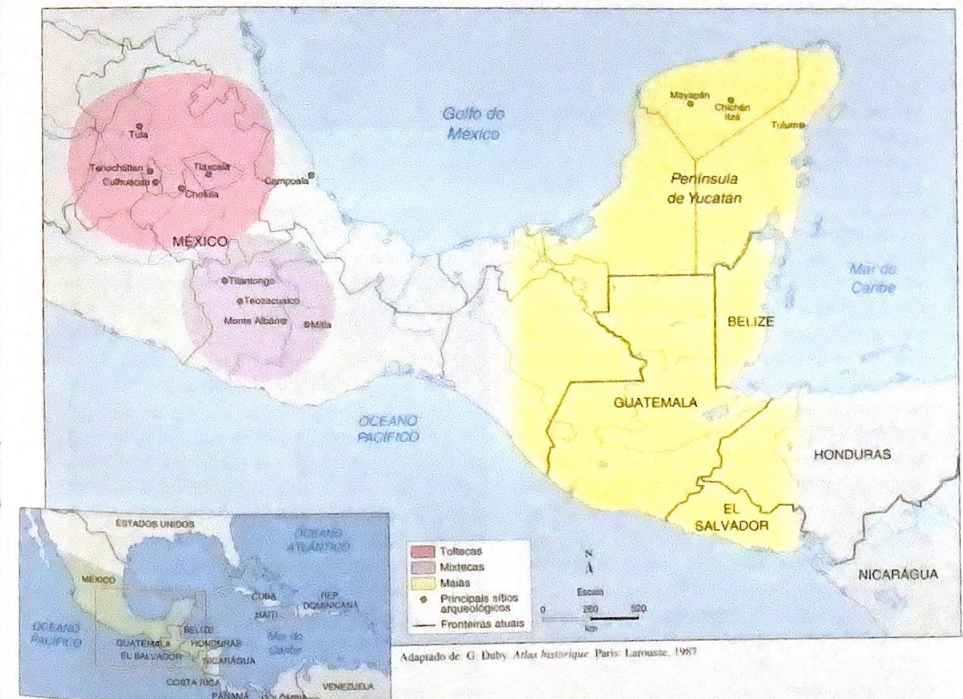
Ao que se sabe, antes do século VII, um desses grupos chichimecas migrou do norte para a Mesoamérica e fixou-se em um bairro de Teotihuacan. Nessa cidade, os recém-chegados chichimecas desenvolveram atividades artesanais e, com a longa convivência, passa-

ram a adotar parte do modo de vida praticado na maior e mais poderosa cidade da região. Depois da decadência de Teotihuacan, esse grupo chichimeca tornou-se muito conhecido por dominar e difundir as técnicas artesanais e os conhecimentos dos antigos teotihuacanos. Esse grupo passou a ser chamado de tolteca, palavra que significava “mestre nas artes e ofícios” e começou a ser usada para designar “herdeiro da cultura dos antigos teotihuacanos”. Os toltecas fundaram então outra cidade, chamada Tula, no ano de 856, onde desempenharam o papel de herdeiros

dos conhecimentos e das técnicas dos teotihuacanos.

Tula, que pode ser localizada no mapa abaixo, tornou-se então a cidade mais importante da região do Altiplano Central, papel que ocupou até sua rápida queda no século XII. Após a curta existência de Tula, outros grupos chichimecas, que também migraram do norte para a Mesoamérica, passaram a disputar o papel de herdeiros da cultura, dos conhecimentos e dos domínios políticos e comerciais dos toltecas, sem no entanto abrir mão de muitos aspectos de seu próprio modo de vida.

### Período Pós-clássico: principais cidades tolteca-chichimecas, mixtecas e maias



## Mosaico de povos e línguas

A convivência de vários grupos de origens e línguas distintas em uma mesma cidade ocorria usualmente na Mesoamérica. As cidades mesoamericanas não eram agrupamentos baseados exclusivamente nos laços de idioma ou de parentesco sanguíneo. Tratava-se, muitas vezes, de organizações políticas complexas baseadas em alianças e acordos, podendo assim abrigar povos de diferentes idiomas e origens.

Em Tlacopan, por exemplo, uma das cidades que, junto com Tenochtitlan, dominaram grande parte da Mesoamérica, a etnia dominante era a dos tepanecas, que falavam nahuatl, a mesma língua falada pelos astecas. No entanto, nessa



A grande cidade de Tenochtitlan, afresco de Diego Rivera, 1945.

Palácio Nacional, Cidade do México

mesma cidade havia grupos provenientes das regiões dominadas e que falavam otomie matlatzinka, mazahua e chocho. Na primeira metade do século XX, um famoso pintor mexicano, Diego Rivera, reproduziu em suas pinturas feitas em murais grupos sociais e etnias que havia nas cidades mesoamericanas, como na foto a seguir.

Na região maia, a cidade de Chichén Itzá, localizada na península de Yucatán, tornou-se um dos principais centros de poder após o declínio das antigas capitais. Suas construções apresentam forte relação com a arquitetura de Tula, fato que comprova a continuidade das relações culturais e comerciais entre as diversas regiões mesoamericanas. Na região de Oaxaca, antes dominada pelos zapotecas, também surgiram e desenvolveram-se diversos centros de poder, como Tilantongo e Teozacualco, construídos pelos novos senhores da região: os mixtecos, que habitavam regiões ao oeste dos vales centrais de Oaxaca. Todas essas cidades podem ser localizadas no mapa da página 27.

De modo geral, podemos afirmar que a passagem para esse novo período da história mesoamericana, chamado período Pós-Clássico (aproximadamente dos séculos IX ao XVI),

caracterizou-se pela queda definitiva dos antigos centros de poder, por intensas movimentações populacionais, pela instabilidade política e pela ascensão de outras cidades aos postos de novos centros de poder político, comercial e cultural.

Ao que tudo indica, a grande instabilidade política e as bem-sucedidas migrações dos primeiros grupos chichimecas motivaram mais migrações, sobretudo para o Vale do México. Os novos grupos chichimecas instalados na região fundaram dezenas de cidades e passaram a compor alianças entre si e também com os antigos povos mesoamericanos. Cholula e Culhuacan, que podem ser observados no mapa da página 27, são dois significativos centros urbanos desse período, nos quais se firmaram alianças entre os velhos e os novos povos mesoamericanos.

Um dos últimos povos a migrar do norte para a região do Altiplano Central Mexicano, mais especificamente para perto do lago Texcoco, foram os famosos astecas, conhecidos também como mexicas. Eles deixaram sua terra de origem, chamada de Aztlan, no ano de 1111, e parece que, cem anos depois, chegaram à região do lago, onde se submeteram por muito tempo ao poder das cidades controladoras desses territórios, como Culhuacan.

No final do século XIII, em 1299, os astecas foram perseguidos e quase aniquilados por outros povos da região por tentarem fundar uma cidade em domínios que não lhes pertenciam. Depois disso, alguns sobreviventes refugiaram-se em uma pequena ilha do lago Texcoco e, em 1325, fundaram uma cidade que se tornaria, em pouco mais de cem anos, a maior de toda a Mesoamérica. Estamos nos referindo à cidade de México-Tenochtitlan, capital dos domínios e conquistas dos astecas, povo que desde o princípio de sua migração, por ordem de seu deus principal, Huitzilopochtli, havia mudado sua denominação para mexicas.

Marco Antonio Pacheco/Rance



Representação do deus Huitzilopochtli no Códice florentino.

Conforme podemos observar, as datas referentes à história dessas novas cidades são muito mais precisas do que as datas relacionadas com a história das antigas cidades mesoamericanas. Isso se deve ao fato de que, a respeito dessas cidades, é possível contar não apenas com as informações arqueológicas, mas também com uma série de livros feitos pelos próprios povos indígenas sobre esse período histórico, nos quais registraram, de forma bem detalhada, parte de suas histórias e de seus modos de vida.

Na verdade, o registro da história do grupo e a preocupação com a precisão das datas também estão presentes nas estelas das cidades maias e de Oaxaca do período anterior, isto é, do período Clássico. Porém, nesses casos, muitas das informações ainda não são completamente entendidas ou são muito fragmentadas e desconexas. E, no caso dos livros indígenas, temos o registro de muitas histórias completas, abrangendo vários séculos.

Por meio desses livros indígenas, que servem para nós como fontes de informação, temos mais detalhes de algumas características dos novos centros urbanos do período Pós-Clássico: o jogo de bola, as festas religiosas, o comércio, a guerra, o tributo e os conhecimentos relativos ao calendário. Esses são justamente os temas dos dois capítulos seguintes.

## Idéias equivocadas sobre os indígenas americanos e sua cultura

Algumas pessoas, ao terem um primeiro contato com a história mesoamericana e descobrirem suas cidades e pirâmides, supõem que foram os egípcios os responsáveis por essas construções. Esse fato reflete a popularidade de teorias criadas e divulgadas por quem não conhecia em profundidade a história e a cultura dos povos indígenas americanos. Tais teorias seguem mais ou menos o seguinte

raciocínio: os egípcios foram um dos primeiros construtores de pirâmides monumentais; na América indígena também havia pirâmides monumentais; logo, devem ter sido os egípcios que as construíram ou que ensinaram os indígenas a construí-las.

Ainda que enganosamente pareçam fazer algum sentido, tais afirmações partem de idéias ultrapassadas e não se baseiam em fatos comprováveis, isto é, que deixaram marcas de sua existência.

Uma dessas idéias ultrapassadas consiste em acreditar que uma realização cultural, como a construção de pirâmides, por exemplo, sempre se inicia por um único povo e depois difunde-se para outras regiões do mundo. Sabemos hoje que realizações culturais semelhantes foram, muitas vezes, alcançadas por povos distantes no tempo e no espaço, sem que necessariamente um tenha aprendido com o outro. Um exemplo desse tipo de realização é justamente a utilização da forma piramidal para a construção de edifícios monumentais. Tanto essa forma como a de cone foram empregadas em diversas épocas e regiões do mundo porque garantem estabilidade para uma grande construção, ou seja, tanto a pirâmide quanto o cone possuem bases amplas e paredes inclinadas para dentro, que se apóiam umas nas outras e dificilmente caem, por mais alta que seja a construção, o que faz dessas estruturas uma excelente opção.

Além disso, essas teorias partem da idéia de que houve uma série de contatos entre as civilizações da Ásia e África e da América, antes das navegações européias dos séculos XV e XVI, que teriam possibilitado a transmissão de muitos elementos das civilizações asiáticas e africanas para as civilizações americanas.

Sabemos que a população da América indígena é descendente de populações asiáticas, mas sabemos também que essas migrações aconteceram em um passado muito distante, há 12 mil anos ou mais, e que depois disso as populações asiáticas e americanas permaneceram relativamente isoladas.

O pouco que conhecemos sobre contatos entre os povos do Velho Mundo (Ásia, África e Europa) e do Novo Mundo (América) em épocas anteriores e próximas às navegações européias, como as comprovadas viagens dos *vikings* pelo Atlântico norte, não nos permite estabelecer esse tipo de relação direta entre as culturas dessas diversas partes do mundo.

Essas teorias possuem também uma boa dose de preconceito, pois levam a crer que a construção de grandes cidades e pirâmides monumentais é um sinal de “verdadeira civilização”. E essa “verdadeira civilização” teria surgido no entorno do mar Mediterrâneo e na Ásia Menor, depois teria sido levada para a América, garantindo assim que alguns povos indígenas a conhecessem, pois os “simples índios”, que viviam então isolados do Velho Mundo, não poderiam ter desenvolvido “construções tão admiráveis” sem alguma intervenção exterior.

Esperamos com este capítulo ter contribuído para esclarecer alguns equívocos: as construções monumentais americanas resultaram da história dos próprios povos americanos e a realização de tais construções não era um objetivo comum a todos os povos indígenas americanos, os quais enfrentaram desafios naturais e históricos diferentes e desenvolveram assim modos de vida e de pensamento distintos nas várias regiões de nosso imenso continente.

### 3.

## O JOGO DE BOLA E AS FESTAS: A CIDADE COMO CENTRO RELIGIOSO

As cidades mesoamericanas foram erguidas em locais especiais por dois motivos. Por razões práticas, elas se estabeleceram em posições estratégicas, tais como o trajeto de uma rota comercial ou um ponto que facilitasse sua defesa, como o alto de uma montanha. Por razões mais abstratas, foram construídas em locais considerados o centro do mundo, isto é, capazes de conectar todas as partes do universo, tanto as quatro direções em que se dividia a superfície terrestre como os diversos níveis celestes e os do inframundo. As cidades reproduziam, em miniatura, a estrutura espacial do universo e, ao mesmo tempo, encontravam-se no centro dessa estrutura.

Desse modo, as cidades eram consideradas locais privilegiados a partir dos quais o ser humano poderia não apenas entender o universo natural, mas também participar e interferir em seu funcionamento. Nesses locais especiais eram construídos edifícios dedicados às atividades de compreensão, participação e interferência na estrutura do mundo, conforme veremos a seguir.

---

**No jogo de bola,  
reviviam-se os sacrifícios  
feitos pelos deuses  
durante o processo de  
criação do universo.**

---

### A dinâmica social e a divisão espacial das cidades

Praticamente todas as ações humanas requerem certo grau de compreensão sobre como funcionam os mundos natural e social e, ao mesmo tempo, geram consequências neles. No entanto, algumas atividades, como as religiosas e as políticas, possuem de forma explícita e intencional a finalidade não só de entender os mecanismos que regem o mundo e a vida social, como de interferir neles.

Para os povos mesoamericanos, ao contrário do que acontece em nosso mundo ocidental moderno, não havia uma



divisão clara e rígida entre as atividades políticas e religiosas. As atividades cerimoniais e rituais, por exemplo, que aos nossos olhos pertenceriam ao universo religioso, estavam presentes em todas as ações políticas e contribuam para que os governantes fossem aceitos pela sociedade: um bom governante era alguém que conhecia o modo de atuação dos deuses. Além disso, não havia outra divisão típica do nosso modo de pensamento: a divisão entre religião e ciência (esta entendida aqui como a busca da compreensão do funcionamento do mundo).

As atividades econômicas realizadas nas cidades também se vinculavam às práticas e aos conhecimentos religiosos e políticos. Desse modo, além de princípios econômicos, como as noções de valor equivalente, superior e inferior, indispensáveis para a realização de trocas, compras ou vendas, as atividades artesanais e o comércio eram regidos por princípios de caráter religioso e pelas determinações políticas dos dirigentes das cidades.

Essa indistinção entre os universos da religião, da política, da ciência e da economia era reforçada pelo fato de que as explicações so-

bre a origem do mundo e do ser humano, as previsões sobre seus destinos, a contagem do tempo e a dos ciclos dos astros e as formas de contato com os deuses por meio de rituais constituam saberes e atividades controlados e executados pelos mesmos grupos sociais, os quais governavam e dirigiam as cidades mesoamericanas e suas ações econômicas e religiosas. Esses saberes faziam parte da formação dos indivíduos provenientes dos grupos especializados em governar e cuidar das atividades religiosas, e, ao mesmo tempo, justificavam a posição de mando ocupada por essas pessoas, além de facilitarem a aceitação de suas ações pelos demais grupos sociais.

Esses grupos governantes ocupavam os centros das cidades mesoamericanas, onde encontramos construções especialmente feitas para o exercício de suas atividades, as quais, aos nossos olhos, mesclavam religião e ciência, política e economia. Essas construções eram os templos para as atividades cerimoniais, as residências e os palácios para os governantes e sacerdotes, as escolas de sacerdotes, guerreiros e governantes, os observatórios astronômicos e o mercado.

## Altepetl

*Os povos nahuas, ou seja, que falam a língua nahuatl, como os astecas, por exemplo, chamavam suas cidades ou povoados de altepetl, termo que pode ser traduzido como "água-montanha" ou "montanha de água" e que era usado para denominar entidades políticas independentes, como uma cidade ou povoado. A utilização desse termo refere-se também à importância atribuída a esses dois elementos pelos povos mesoamericanos: indispensável à agricultura e à vida em geral, a água relacionava-se com a fertilidade; a montanha, espaço geográfico*

*especial no qual habitavam determinadas entidades, continha ainda água em seu interior. Toda cidade ou povoado possuía ao menos uma montanha sagrada, que muitas vezes era reproduzida no centro da própria cidade sob a forma de pirâmide.*



*Nos códices em que os povos nahuas narravam suas histórias, o glifo que significava cidade era formado pelo desenho de uma montanha. A ele se agregavam outros elementos que serviam para nomear a cidade. Reprodução de página do Códice telleriano-remense.*

A seguir, vamos examinar com atenção as características de algumas das construções próprias aos grupos governantes e das atividades que nelas se realizavam. Por meio desse estudo, poderemos compreender alguns aspectos gerais das sociedades mesoamericanas e entender um pouco mais a relação estreita que havia entre religião, ciência, política e economia.

## O jogo de bola

Um dos mais importantes centros de atividades cerimoniais públicas era o campo para o jogo de bola. Evidentemente, não se trata de futebol e dos estádios atuais, mas de um tipo de jogo mais relacionado com o universo religioso e político do que com o mundo esportivo. Os povos do centro do México que falavam a língua nahuatl, como os astecas, chamavam esse jogo de *tlachtli*.

Apesar da existência de diversos tipos de campos e de jogos, podemos conhecer algumas características comuns dessa prática social, principalmente a partir dos estudos dos campos de bola que ainda existem nos sítios arqueológicos e de suas representações em esculturas, pinturas e livros indígenas.

Na foto a seguir, podemos ver um campo de bola no sítio arqueológico da cidade de Xochicalco, significativo centro urbano do período Pós-Clássico.



Observando essa imagem, notamos que na parte central há um tipo de corredor que se alarga em suas duas extremidades. Se pudéssemos olhar de cima para essa parte da construção, como se estivéssemos em um avião, veríamos que ela tem o formato parecido ao de uma letra "i" maiúscula (I). Todo o piso no interior do formato da letra é plano e delimitado por um pequeno muro de pedra. Podemos ver que a parte central do I se encontra cercada lateralmente por duas plataformas, inclinadas para o centro da construção e delimitadas exteriormente por muros de pedra mais altos. Esses muros servem também para marcar o limite entre as duas plataformas inclinadas e outras duas plataformas mais exteriores, ambas de superfícies planas e não totalmente visíveis na foto. Observando os dois muros mais altos, podemos notar também dois anéis de pedra incrustados neles.

É possível imaginar como o jogo funcionava? Será que os jogadores ficavam acima dos muros maiores, nas plataformas planas, e as pessoas que assistiam à partida ficavam na parte baixa com o formato de I? Se fosse assim, as pessoas que assistiam ao jogo teriam dificuldade de ver os jogadores. Na verdade, divididos em duas equipes, os jogadores ficavam embaixo, no corredor central e plano, e as pessoas que assistiam à partida se situavam na parte superior, nas plataformas planas acima dos muros mais altos.

Não sabemos com precisão quais eram as regras do jogo. Além disso, é possível que tenham existido várias formas ou modalidades de se praticar esse jogo-ritual. Mas, até onde sabemos, os jogadores de cada equipe se posicionavam em lados opostos do corredor central, separados por uma linha demarcada no solo, que cruzaria o corredor central na altura dos

*Campo para o jogo de bola da cidade de Xochicalco, no atual Estado de Morelos, México.*

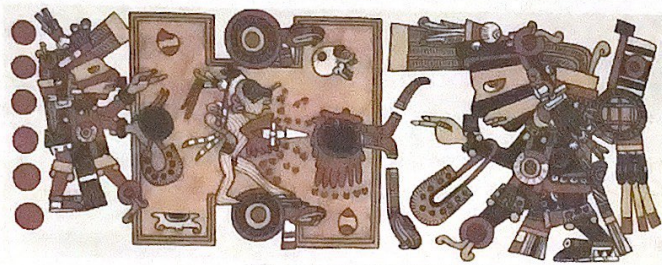
anéis laterais. Em nossa imagem, seria como se uma equipe ocupasse a parte superior da foto e a outra a parte inferior. Os jogadores de uma equipe não podiam passar para a parte do campo onde estavam os jogadores da outra equipe. De borracha maciça, a bola era lançada de um lado para o outro pelos jogadores de cada equipe. Por essa descrição, tem-se a impressão de que o jogo era bem fácil.

Entretanto, os jogadores, que poderiam ser, por exemplo, dois em cada equipe, não podiam tocar a bola com as pernas, os pés, as mãos ou os antebraços, mas somente com os braços junto ao tronco, com o próprio tronco e com os quadris e

coxas. A bola, por ser de borracha maciça, era muito pesada, e, de acordo com as informações que temos, a equipe que não conseguisse mantê-la em movimento, passando-a para o campo da equipe adversária, perdia o jogo. Além disso, a equipe capaz de passar a bola por um dos dois anéis, o que era extremamente difícil, ganhava a partida de vez. Os jogadores colocavam protetores de couro, algodão ou outros materiais nas partes do corpo utilizadas para impulsionar a bola, principalmente nas laterais dos quadris, pois somente assim podiam resistir ao impacto da bola pesada.

Tendo em mente que esse jogo não era um acontecimento esportivo e sim uma espécie de celebração religiosa e política, vamos analisar o campo do jogo representado na figura acima, reproduzida a partir de um livro feito pelos indígenas mesoamericanos, chamado *Códice Borgia*. Nessa imagem, podemos ver claramente que o campo possui o mesmo formato de letra **I** visto na foto analisada anteriormente; só que agora é como se a letra **I** estivesse deitada. Em cada um dos lados do campo, podemos observar a representação de uma per-

sonagem muito conhecida pelos povos mesoamericanos: o deus Tezcatlipoca, reconhecido principalmente por trazer seu rosto pintado com listas e um espelho redondo que solta fumaça no lugar de um de seus pés. A presença desse deus junto ao campo de bola é muito comum nas representações mesoamericanas e indica-nos a existência de um vínculo entre o jogo e a religião.



*Campo para o jogo de bola em meio a duas representações de Tezcatlipoca, na lâmina 21 do Códice Borgia.*

Há também objetos, animais e personagens dentro do campo. Para compreendermos o que eles significam, precisamos antes entender algumas convicções dos povos indígenas praticantes do jogo de bola. Por enquanto, basta afirmar que esses objetos, animais e personagens estão relacionados a um ritual de morte e sacrifício praticado após o jogo-ritual.

Os povos indígenas mesoamericanos acreditavam que, no processo de criação do mundo em que viviam, o Sol e os outros astros celestes se moviam graças ao sangue que os deuses haviam derramado de si mesmos. Supunham que o ser humano deveria retribuir o sacrifício feito pelos deuses com o seu próprio sangue, dessa maneira ajudando a manter o universo em movimento. Repetir as ações dos deuses era o modo de o ser humano contribuir para que o universo continuasse a existir, isto é, a movimentar-se. É por isso que os indígenas da Mesoamérica realizavam constantemente sacrifícios de sangue. Em algumas ocasiões, furavam suas próprias orelhas,

línguas, pernas ou nádegas; em outras, matavam animais e seres humanos. Para os povos indígenas, não fazer sacrifícios seria condenar o mundo ao imobilismo e à destruição.

A partir dessas informações a respeito das convicções dos indígenas mesoamericanos, retomemos a discussão a respeito da foto da página 34. A figura humana em seu centro representa um homem sacrificado, talvez um guerreiro capturado, que teve seu peito aberto e seu sangue oferecido para que o universo continuasse a existir, assim como os deuses haviam feito no início do mundo atual.

Para entendermos melhor como o jogo de bola fazia parte das relações entre os seres humanos e os deuses, acompanhemos um trecho de um antigo relato escrito pelos indígenas, o qual narra um jogo de bola entre Huemac, rei da cidade de Tula, e os *tlaloque*, ajudantes do deus Tlaloc e responsáveis pelas chuvas e pelas boas colheitas.

Antes de ler o relato, lembremos que Tula foi uma das mais importantes cidades da região depois do declínio das cidades maias e de Teotihuacan, como vimos no segundo capítulo. O papel grandioso desempenhado por Tula seria devido ao rei-sacerdote chamado Ce Acatl (Um Cana), considerado a imagem viva do deus Quetzalcoatl. Esse rei teria trazido para Tula uma série de inovações técnicas e religiosas capazes de transformá-la na cidade mais famosa de sua época. Essa fama trouxe, porém, a inveja de povos inimigos e do principal rival de Quetzalcoatl, o deus Tezcatlipoca, que passou a promover diversos acontecimentos estranhos que resultaram na fuga e na morte do rei Ce Acatl. Depois disso, foi eleito o novo rei-sacerdote, Huemac, o qual enfrentou inúmeros problemas que marcaram o fim do poder e da fama dos habitantes de Tula, chamados toltecas. O jogo de bola entre Huemac e os *tlaloque* comentado no relato a seguir foi um desses estranhos episódios.

*Huemac jogou bola, e jogou com os tlaloque. Os tlaloque disseram: – O que ganharemos com o jogo? E Huemac disse: – Minhas*

*pedras preciosas de jade e minhas penas preciosas da ave quetzal. Outra vez disseram os tlaloque a Huemac: – Você ganhará o mesmo: nossas pedras preciosas de jade e nossas penas de quetzal. Huemac jogou e ganhou. Em seguida os tlaloque foram dar o que haviam de dar a Huemac, isto é, as preciosas espigas de milho verde e as preciosas folhas do milho verde, nas quais a espiga cresce. Mas ele não as recebeu e disse: – Por acaso, isto é o que eu ganhei? Por acaso, não foram pedras preciosas de jade? Por acaso, não foram penas preciosas da ave quetzal? Levem isso daqui! Os tlaloque disseram então: – Está bem. Vamos lhe dar pedras de jade e penas de quetzal e levar nossas pedras preciosas (o milho verde) e nossas plumas de quetzal (as folhas do milho verde). E assim os tlaloque as levaram, foram embora e disseram: – Está bem, agora esconderemos nossas pedras preciosas e os toltecas sofrerão trabalhos por quatro anos. Logo geou e enquanto caiu gelo, até a altura dos joelhos, se perderam todos os frutos da terra. Somente em Tula fez calor de sol e todas as árvores e as plantas secaram.*

(Leyenda de los soles. In: *Códice chimalpopoca*. México: Universidad Nacional Autónoma de México/Instituto de Historia, 1945. Trecho traduzido e adaptado pelo autor.)

*Retrato de um quetzal, ave sagrada dos maias e astecas. Com um penacho na cabeça e cauda muito grande, essa ave da selva tropical tem plumagem verde brilhante e vermelha.*



Nesse episódio, temos alguns indícios não só do significado simbólico e do valor de alguns alimentos essenciais à sobrevivência local, como da relação entre o jogo de bola e as celebrações religiosas. As pedras preciosas de jade e as penas do quetzal inicialmente oferecidas pelos *tlaloque* eram, na verdade, espigas e folhas de milho verde; e o fato de Huemac desprezar o milho como um presente precioso e comparável às jóias e exigir verdadeiras pedras de jade e penas do quetzal fez com que os *tlaloque*, responsáveis pelas chuvas e boas colheitas, trouxessem a geadas e a seca e, conseqüentemente, a fome para os habitantes de Tula.

Temos aqui um exemplo muito claro da maneira de os indígenas da Mesoamérica conceberem a relação entre os seres humanos e os deuses: cada um daria ao outro o que possuía de mais precioso e assim o universo funcionaria de forma harmoniosa. Os deuses presentes aos seres humanos, por exemplo, com as chuvas e as boas colheitas, e estes retribuía aos deuses com belas penas de ave e pedras preciosas.

O jogo de bola fazia parte desse grande jogo entre os deuses e os humanos, entre a vida e a morte, entre a chuva e a seca, ou seja, o universo e a vida estruturavam-se sobre dualidades, cujas partes, segundo os indígenas, estavam em constante luta e alternância e, por serem complementárias, davam vida e movimento ao universo: o dia e a noite, a água e o fogo, o frio e o calor, o macho e a fêmea, o céu e os infernais. Mais do que um simples evento esportivo, o jogo de bola era um ritual no qual os seres humanos agradeciam aos deuses com presentes preciosos pelos benefícios recebidos. Essa retribuição garantia que o mundo continuasse em movimento, como a bola de látex que ia de um lado ao outro do campo durante o jogo.

Entre os presentes preciosos a serem oferecidos aos deuses também estavam o sangue e a vida humana. O jogo de bola era um ato ritual que muitas vezes contava com a partici-

pação de guerreiros inimigos capturados em batalhas, os quais ao final eram sacrificados. Desse modo, além do aspecto religioso, podemos afirmar que o sacrifício e o jogo de bola também possuíam uma dimensão política, pois, como a maioria dos seres humanos sacrificados provinham das guerras, a captura de futuras vítimas para os sacrifícios era uma das principais justificativas para que uma cidade empreendesse lutas e dominasse várias outras.

Mas o jogo de bola era apenas um dos inúmeros rituais e festas que aconteciam nas cidades mesoamericanas. Outro conjunto de celebrações fundamental era realizado ao longo de todo o ano, e sua organização baseava-se no calendário.

## As dezoito festas e o Fogo Novo em México-Tenochtitlan

Conforme vimos no primeiro capítulo, todos os povos mesoamericanos utilizavam-se, apesar das variações locais, de um mesmo tipo de calendário, o qual funcionava a partir de dois ciclos principais e de durações diferentes: um de 260 dias e outro de 365 dias. O ciclo de 365 dias, equivalente ao ano solar ou ao ano das estações, dividia-se em dezoito grupos de vinte dias, chamados vintenas, e mais cinco dias finais considerados de má sorte. Todo o desenrolar do ano solar e de suas vintenas era marcado por uma série de festas. Acompanhemos como essas festas aconteciam em 1507, numa das maiores cidades mesoamericanas, México-Tenochtitlan, pouco antes da chegada dos espanhóis.

A cidade de México-Tenochtitlan, capital dos astecas, foi construída no centro do lago Texcoco, em uma ilha, ligando-se às margens por meio de avenidas de pedra. Essa cidade foi o principal alvo da conquista espanhola na

região central do México, e praticamente nenhuma de suas construções sobreviveu à destruição e à construção em seu lugar de uma cidade que seguia os modelos das cidades europeias. Desse modo, à cidade asteca de México-Tenochtitlan foi sobreposta uma cidade de tipo espanhola, que se tornou a capital dos domínios espanhóis na região e que foi denominada México simplesmente.

Sendo assim, não existem fotos que mostrem a totalidade do sítio arqueológico da cidade de México-Tenochtitlan, mas apenas desenhos feitos pelos conquistadores espanhóis ou pelos estudiosos, como o que podemos observar na figura abaixo.

Nessa cidade, em 1507, assim como em todos os anos anteriores, realizaram-se as celebrações das dezoito festas que marcavam a passagem do ano e das estações. Só que nesse ano havia algo de especial, pois completava-se mais um período de 52 anos, momento em que os dois ciclos do calendário voltavam a reiniciar ao mesmo tempo, representando o ponto de partida da contagem de um novo período de 52 anos. Marcava-se esse

momento especial com uma grande celebração chamada de cerimônia do Fogo Novo. Talvez devido à importância desse momento, tenha sido elaborado pelos mexicas um livro em escrita pictográfica no qual se registraram as dezoito festas desse marcante ano e sua cerimônia do Fogo Novo. As informações dessa obra, denominada *Códice borbónico*, constituem a base de nossos comentários a respeito dessas festas e celebrações.

Grande parte das dezoito festas que marcavam a passagem do ano relacionava-se com as estações de chuva ou de seca e com as atividades próprias aos agricultores, como o plantio e a colheita. Os nomes dessas festas servem para nos dar uma pequena noção dessas relações e dos objetivos de suas celebrações. Esses nomes estão escritos em nahuatl, língua falada em México-Tenochtitlan pelos astecas e também por outros povos da Mesoamérica e da região norte do atual México.

A seguir, podemos observar o nome de algumas dessas festas e sua tradução. A pronúncia desses nomes parece difícil à primeira vista, porém, isso pode ser facilitado se lem-



*Em pintura de Luis Covarrubias, vista geral de México-Tenochtitlan e de México-Tlatelolco, cidades irmãs situadas em uma ilha do lago Texcoco e que se ligavam às margens por meio de avenidas e embarcações.*

brarmos que quase todas as palavras em nahuatl são paroxítonas, isto é, possuem o acento tônico na penúltima sílaba.

Xilomanaliztli = *Oferenda de Espigas de Milho*

Toxcatl = *Nosso Assado ou Milho Assado*

Etzalcualiztli = *Comida de Milho e Feijões Cozidos*

Xocotl Huetzi = *A Fruta Cai*

Atemoztli = *Abaixamento das Águas*

Tititl = *Encolhimento*

Izcalli = *Crescimento*

O nome das três primeiras festas da relação referem-se a dois produtos fundamentais na agricultura mesoamericana, o milho e o feijão, e provavelmente elas aconteciam na época de colheita desses alimentos. Já o nome das outras quatro festas referem-se aos fenômenos climáticos e de vegetação ocorridos nas diversas épocas e estações do ano, ou aos pedidos que se faziam para que as chuvas viessem na época certa, fazendo com que as sementes germinassem e as plantas crescessem.

Relacionadas com as atividades agrícolas, a maioria das celebrações religiosas coletivas ao longo do ano era marcada por oferendas de espigas de milho, cru ou assado, de comidas preparadas com feijão, de bebidas, de incenso, de papéis decorados, de flores e de lenha, e também por sacrifícios de animais e de seres humanos. Essas oferendas e sacrifícios tinham três objetivos principais: agradecer aos deuses pelas riquezas enviadas por meio das chuvas e boas colheitas, pedir que as futuras colheitas e chuvas também fossem boas e oferecer sangue para que o universo continuasse a existir e a movimentar-se.

Embora o desenvolvimento de centros urbanos tenha sido uma característica marcante dos povos mesoamericanos, isso não significa que a maioria das pessoas vivesse em cidades. Além disso, as milhares de cidades mesoamericanas dependiam diretamente do campo e dos camponeses, pois a principal atividade econômica era

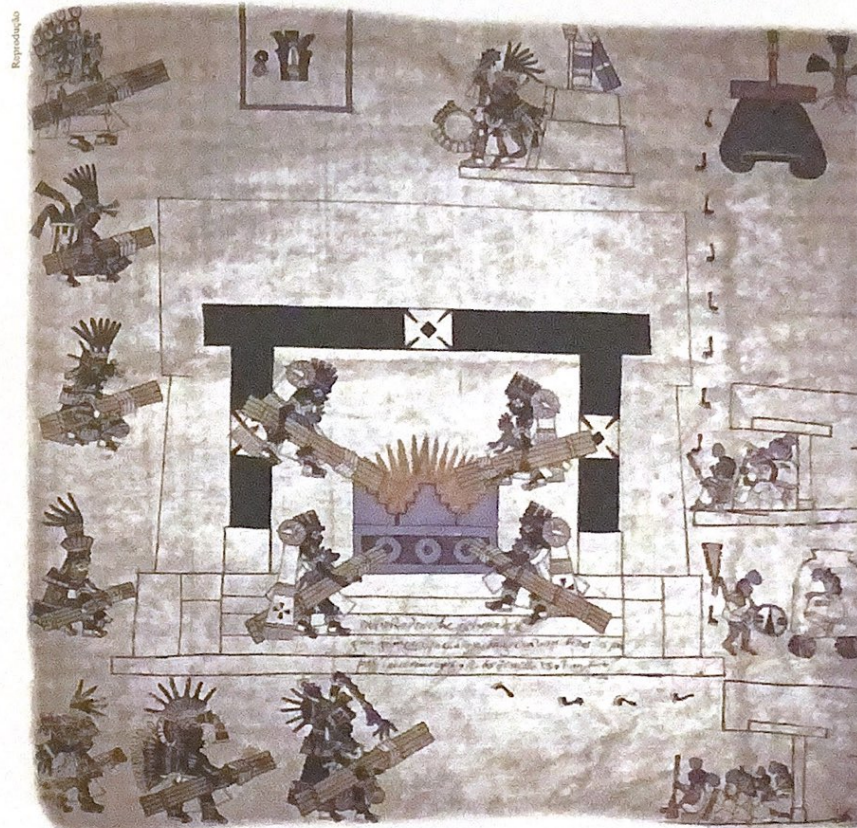
a agricultura, com destaque para o cultivo do milho. Desse modo, os ciclos de plantio, de colheita, de seca e de chuvas regulavam também a vida dos habitantes das cidades.

Mais do que uma relação de dependência entre cidade e campo, havia uma verdadeira continuidade entre esses dois espaços. Na maioria das cidades, era praticamente impossível estabelecer, de forma precisa, onde terminava a zona urbana e começava a rural. Se caminássemos desde o centro de uma cidade até sua periferia, o que veríamos seria uma gradual alteração na paisagem, pois a maioria das habitações possuía pequenos jardins e plantações, que se tornariam maiores à medida que nos afastássemos do centro.

Devido a essa continuidade entre cidade e campo, as dezoito festas do ano contavam com a participação de habitantes desses dois espaços físicos, mas suas realizações eram comandadas por sacerdotes e governantes que habitavam as cidades, as quais, conforme observamos, se caracterizavam pela concentração dos serviços políticos e religiosos.

Além de organizar essas dezoito festas, os sacerdotes e governantes de México-Tenochtitlan comandavam outra celebração marcante, a cerimônia do Fogo Novo. Essa celebração era um momento muito esperado e temido pelos mexicanos. De acordo com as convicções desse povo, a humanidade e o mundo de então faziam parte da quinta idade, a qual, assim como ocorrera com as quatro idades anteriores, haveria de terminar com grandes cataclismos, que aconteceria justamente no final de um ciclo de 52 anos. A partir da figura da página ao lado, podemos observar essa celebração em detalhes.

A imagem do *Códice borbónico* é bastante complexa, e suas pinturas seguem padrões muito diferentes daqueles com os quais estamos acostumados. Além disso, não se trata apenas de pinturas. Essas imagens fazem parte de um sistema de escrita que misturava pinturas e glifos, isto é, sinais gráficos que representam idéias ou sons.

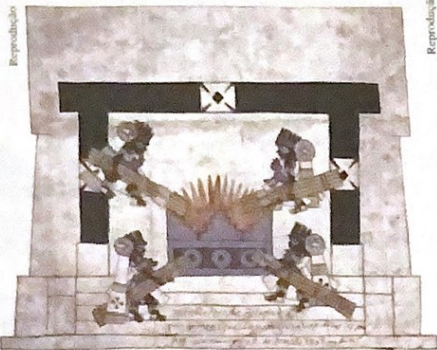


Celebração da festa do Fogo Novo em 1507 entre os mexicanos, registrada no *Códice borbónico*.

Para entendermos um pouco a organização e os significados de alguns dos elementos dessa imagem do *Códice borbónico*, podemos começar a comentar as duas figuras que se encontram na parte superior e central dessa página, destacada na página seguinte.

A figura do lado direito mostra-nos uma grande bandeira com listas azuis sobre uma construção em forma de pirâmide. Na frente da construção, há uma personagem com muitos

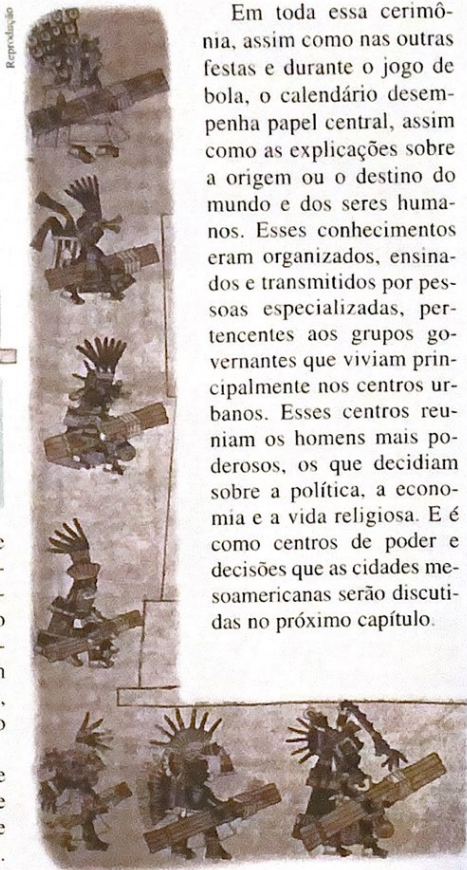
enfeites e que traz em suas mãos um escudo circular e um bastão encurvado em forma de serpente. Esses elementos referem-se ao nome de uma das dezoito festas, na qual se celebrava o Fogo Novo, e ao deus a quem ela era dedicada. O nome da festa, Panquetzaliztli, que significa "hastear bandeiras", está representado pela bandeira azul hasteada sobre o templo em forma de pirâmide. Esse templo é identificado pela personagem à frente, o deus Huitzilopochtli, reco-



Reprodução  
Em detalhe do Códice borbónico (parte central da imagem de celebração do Fogo Novo), quatro sacerdotes levam feixes de lenha para alimentar o Fogo Novo.

Nesse templo, localizado nos limites de México-Tenochtitlan, quatro sacerdotes astecas, com o corpo coberto por pinturas e enfeites, carregam feixes de lenha para alimentar o Fogo Novo, que arde em uma grande fogueira. Além desses feixes, os sacerdotes levam pequenos animais, provavelmente coelhos, para serem sacrificados em agradecimento pelo fato de o Fogo Novo ter sido aceso.

Em toda a parte esquerda da imagem que está na página 39 temos a presença de sete outras personagens, reproduzidas em destaque ao lado, que também carregam feixes de lenha. Elas se vestem e se enfeitam de forma diferente das demais. Trata-se de outros sacerdotes, da própria cidade de México-Tenochtitlan ou de cidades vizinhas e dominadas, que esperam sua vez de alimentar o Fogo Novo com mais lenha e de levar o fogo para seus templos ou cidades.



Reprodução  
Em detalhe do Códice borbónico (parte esquerda da imagem de celebração do Fogo Novo), sete sacerdotes levam lenha e oferendas ao templo em que arde o Fogo Novo.

Em toda essa cerimônia, assim como nas outras festas e durante o jogo de bola, o calendário desempenha papel central, assim como as explicações sobre a origem ou o destino do mundo e dos seres humanos. Esses conhecimentos eram organizados, ensinados e transmitidos por pessoas especializadas, pertencentes aos grupos governantes que viviam principalmente nos centros urbanos. Esses centros reuniam os homens mais poderosos, os que decidiam sobre a política, a economia e a vida religiosa. E é como centros de poder e decisões que as cidades mesoamericanas serão discutidas no próximo capítulo.

## 4.

# O CALENDÁRIO, O COMÉRCIO, A GUERRA E A TRIBUTAÇÃO: A CIDADE COMO CENTRO DE PODER

---

**Por dominarem a ciência do calendário, que organizava atividades vitais para os indígenas, certos grupos sociais contavam com prestígio e poder.**

---

---

## Os laços entre conhecimento e poder

---

Conforme vimos no capítulo anterior, as cidades mesoamericanas reuniam uma série de atividades rituais e religiosas, organizadas e comandadas por profundos conhecedores do calendário, das explicações e das profecias sobre a origem e o destino do mundo e dos seres humanos. Essas pessoas, que podemos chamar genericamente de sacerdotes, pertenciam aos grupos governantes de cada cidade e haviam sido formadas junto com os líderes, dedicados preferencialmente aos assuntos políticos, mas também bons conhecedores dos assuntos religiosos. Desde muito jovens, os sacerdotes e líderes políticos eram preparados para ocupar posições de comando.

A educação dos jovens pertencentes aos grupos dirigentes ocorria em um tipo de escola especializada em desenvolvimento, acumulação e transmissão de conhecimentos relacionados com o calendário e a religião. Essa formação era diferente da proporcionada ao restante da população, fato responsável por uma característica marcante das sociedades mesoamericanas: a divisão entre os grupos dirigentes e o restante da população.

Os grupos dirigentes das sociedades mesoamericanas eram compostos não apenas por sacerdotes e líderes políticos, mas também por guerreiros e especialistas no calendário, na escrita e na observação astronômica. Todas as pessoas que faziam parte desses grupos eram chamadas de

*pipiltin*, termo que podemos traduzir por “senhores” ou por “principais”. Havia basicamente duas formas de alguém se tornar um *pipiltin*: por linhagem, isto é, sendo filho de um *pipiltin*, ou por destreza e valentia na guerra.

Em México-Tenochtitlan os *pipiltin* também freqüentavam instituições especialmente destinadas à sua formação. Tratava-se de uma espécie de escola, chamada *calmecac*. Nessas escolas, os filhos dos senhores (ou dos principais) aprendiam sobre a origem do mundo e do ser humano, sobre as diversas eras ou idades pelas quais o mundo teria passado, sobre a história de seu grupo e de sua cidade e sobre os ciclos do calendário, utilizados tanto para datar a história quanto para fazer profecias e previsões. Aprendiam também a produzir e a entender os escritos pictográficos, a cantar e compor poemas transmitidos oralmente de geração para geração, a respeitar os pais e os mais idosos e a lhes obedecer, a lutar como guerreiros, a cuidar dos templos e a executar corretamente as cerimônias e as oferendas aos deuses.

Na figura a seguir, temos a representação de uma cena que deveria ser muito comum nos *calmecac* das cidades mesoamericanas. Trata-se de uma imagem retirada de outro livro indígena, chamado *Códice Mendoza*, que mostra duas personagens entretidas em uma ação de ensino e aprendizagem.



Esses dois homens vestem-se com mantas brancas, o que era um sinal de distinção e de nobreza, pois somente os *pipiltin* poderiam usar mantas desse tipo. Conforme podemos observar, o homem do lado esquerdo possui em suas mãos dois objetos: uma espécie de bastão pontiagudo cuja ponta está encostada num quadrado vermelho. No interior desse quadrado, há o desenho em linhas negras de duas figuras cujo formato nos faz lembrar de uma língua-de-sogra. Observemos agora a boca dos dois homens. Delas parece sair algo com o mesmo formato das figuras no interior do quadrado vermelho, só que na cor azul.

Esses desenhos azuis são chamados volutas, ou seja, possuem a ponta voltada como uma espiral. Nos escritos pictográficos dos indígenas mesoamericanos, o desenho de uma voluta significava a fala ou a palavra falada. No caso da imagem que estamos analisando, o fato de essas volutas serem azuis indica que as palavras pronunciadas são palavras de sabedoria, preciosas, pois era isso que a cor azul representava nesse sistema de escrita.

Sendo assim, se essas mesmas volutas estão desenhadas no quadrado, isso indica que ele contém registros de palavras ou de idéias. De fato, trata-se de um livro que está sendo pintado pelo homem sentado em um pequeno tablado ou em uma esteira, posição que indica sua superioridade social em relação ao outro homem, que provavelmente é seu aluno. Mas o aluno não está em silêncio, pois a voluta azul diante de sua boca indica-nos que ele está perguntando ou repetindo as explicações do homem que segura o livro e que provavelmente é um *tlacuilo*, isto é, um especialista no sistema de escrita pictográfica.

*Um tlacuilo, ou escriba, ensina sua arte e ofício a um jovem aprendiz. Registrado no Códice Mendoza.*

Essa imagem traz algumas informações que, somadas aos dados fornecidos por outros documentos históricos, nos ajudam a entender como acontecia a educação dos jovens pertencentes aos grupos governantes das cidades. Primeiro dado: havia uma hierarquia entre quem ensinava e quem aprendia, simbolizada pelo tablado sobre o qual o homem da esquerda está sentado. Segundo dado: os conhecimentos eram registrados e ensinados por meio de livros, em escrita pictográfica, e por meio de explicações orais, simbolizadas pelo livro em vermelho e negro e pelas volutas azuis. Terceiro dado: os ensinamentos eram transmitidos entre os membros dos grupos sociais superiores, os chamados *pipiltin*, o que é simbolizado pelo fato de os dois homens vestirem-se com mantas de algodão brancas.

Essa formação diferenciada, recebida pelos jovens descendentes dos líderes políticos, religiosos e militares, servia para garantir a continuidade de suas posições de destaque e de privilégio em relação aos demais grupos sociais, tanto os que habitavam as cidades, como, por exemplo, os artesãos, quanto os dedicados à agricultura e aos trabalhos do campo em geral.

Os descendentes desses outros grupos sociais freqüentavam outra instituição de ensino, chamada *telpochcalli*, na qual também aprendiam algo sobre os rituais religiosos e as explicações da origem e do destino do mundo e dos seres humanos. Mas, no *telpochcalli*, os jovens aprendiam prioritariamente os ofícios artesanais e comerciais. Os homens poderiam aprender, por exemplo, a fazer cerâmica e esculturas em pedra e madeira, a produzir enfeites corporais e objetos de uso diário, a construir casas, templos e outros edifícios e a fabricar instrumentos musicais. As mulheres poderiam aprender, por exemplo, a fiar, tecer e bordar, a preparar os alimentos e a produzir cerâmicas e outros objetos de uso doméstico.

Desse modo, podemos afirmar que o domínio e o controle de certos conhecimentos garantiam a posição de privilégio ocupada pelos *pipiltin*. E entre esses conhecimentos certamente estavam os envolvidos no calendário. O porquê de a contagem do tempo ser tão importante nessa sociedade discutiremos a seguir.

## Os dirigentes das cidades e o conhecimento do calendário

A contagem do tempo e o conhecimento dos ciclos das estações são indispensáveis para que as atividades humanas produtoras de alimento tenham êxito e compensem os esforços empregados. Basta conversar, por exemplo, com um agricultor sobre plantio e colheita para confirmar essa idéia, pois, para ter sucesso nas atividades agrícolas, é preciso fazer tudo a seu devido tempo, aproveitando as vantagens de cada estação do ano. Ou seja, é necessário preparar a terra, plantar e colher em épocas do ano muito bem determinadas. Também a coleta de frutos silvestres, a pesca, a caça e a criação de animais dependem da época para serem proveitosas. Sendo assim, saber quando começam e terminam as estações do ano e conhecer os ciclos da natureza é indispensável para a organização e o planejamento das atividades de produção de alimento, pois apenas mediante essas informações é possível prepará-las em tempo para obter resultados eficientes. Uma das funções básicas do calendário era garantir o êxito dessa programação.

O calendário mesoamericano, entretanto, não era formado apenas por uma simples fórmula de contar o tempo; na verdade, era um sistema que organizava tanto as atividades desenvolvidas nas cidades (o comércio, as guerras e as cerimônias religiosas e políticas)

como as atividades que sustentavam as cidades (a agricultura, a coleta e a caça). Os conhecimentos sobre o calendário permitiam também que fossem feitos prognósticos, isto é, adivinhações e profecias que poderiam referir-se ao futuro de indivíduos, de determinado grupo ou de toda uma cidade. Essa capacidade de regular tantas e diferentes atividades garantia ao calendário o papel de organizador vital na Mesoamérica e, conseqüentemente, reforçava a importância social dos grupos que dominavam o conhecimento desse sistema.



Museo Nacional de Antropología, Cidade do México

Pedra do Sol, monumento encontrado em Méxaco-Tenochtitlan, com inúmeras inscrições calendárias.



Representações de datas, encontradas em Palenque, sítio arqueológico da civilização maia.

As pessoas que dominavam esse sistema eram poderosas porque essa tarefa exigia contínua observação da natureza, assim como o registro e a transmissão de informações: saber qual é a duração do ano e conhecer a regularidade dos ciclos naturais e das estações não é algo tão simples quanto pode parecer. Se pode parecer relativamente fácil perceber a existência de ciclos naturais que se repetem com certa regularidade em determinada região, a passagem entre um ciclo e outro não acontece em um dia, mas sim gradualmente. Além disso, a duração de cada ciclo ou estação não é exatamente a mesma em todos os anos, o que faz com que as estações às vezes comecem mais cedo ou mais tarde.

Levando essa diversidade de aspectos em conta, podemos perceber que, para elaborar um calendário eficiente, é necessário muito tempo de observação da natureza, na verdade um tempo muito maior que o de uma vida humana. E, para que os conhecimentos adquiridos por uma geração sejam aproveitados pelas seguintes, é preciso também haver meios de preservação e de transmissão desses conhecimentos, como, por exemplo, o cultivo de uma tradição oral, ou seja, de um conjunto de práticas que tem por objetivo a memorização e a transmissão de conhecimentos por meio da fala ou do canto, ou o desenvolvimento de um sistema de escrita.

Talvez a superação dessas dificuldades tenha servido para valorizar socialmente as pessoas que dominavam esses conhecimentos e seus meios de transmissão, tornando-as parte de grupos privilegiados, isto é, que ocupavam posições de comando e por isso em condições de dispor de tempo e interesse para transmitir e controlar tais conhecimentos. Além disso, o controle e a transmissão desse saber reafirmavam a posição de comando social ocupada por esses grupos e garantiam que essa posição, assim como o conhecimento, seria transmitida aos filhos e herdeiros dessas pessoas.

Assim, podemos entender por que os grupos sociais que desenvolveram ou herdaram os

conhecimentos sobre o calendário se tornaram tão poderosos nas cidades mesoamericanas. Não era por acaso que as construções mais centrais e de maior tamanho nas cidades mesoamericanas destinavam-se à habitação e à atuação dos grupos que dominavam esse tipo de saber, como a famosa Pirâmide do Adivinho, que pode ser vista na figura a seguir, ao fundo. Essa imagem mostra algumas construções centrais da cidade de Chichén Itzá, importante centro comercial e cultural maia no período Pós-Clássico.



Michael e Barbara Fogelmeier/Corbis/Bettmann Photo

Duas das mais famosas construções da cidade maia de Chichén Itzá: a Pirâmide do Adivinho, ao fundo, e a escultura do Chac Mool, em primeiro plano.

Mas isso não significa que todos os conhecimentos e seus meios de transmissão estavam nas mãos dos grupos responsáveis pelo governo das cidades. Vale chamar a atenção para o fato de que praticamente todos os objetos ou construções, como os vistos nas fotos deste livro, foram produzidos por pessoas provenientes das camadas mais baixas da população, as quais eram chamadas genericamente *macehualtin*, termo que pode ser traduzido por "merecedor de favores ou recompensas", aplicado a toda pessoa que não era *pipiltin*. E, para a produção desses objetos ou a construção dos edifícios de uma cidade, era necessária uma série de conhecimentos e técnicas. Além disso, os *macehualtin* também eram responsáveis por toda a produção de alimentos e, conseqüentemente, dominavam os

conhecimentos envolvidos na agricultura, caça, coleta, criação de animais e pesca.

Raramente, porém, a vida cotidiana e os conhecimentos e técnicas dominados pelos *macehualtin* foram formalizados e registrados em livros pelos próprios indígenas, como aconteceu com os conhecimentos sobre o calendário e com a vida dos dirigentes religiosos e políticos. Mas isso não quer dizer que tais conhecimentos e técnicas fossem menos decisivos para a construção e a manutenção das cidades do que os conhecimentos dominados pelos *pipiltin*. Além disso, podemos obter algumas informações sobre a vida, os conhecimentos e as técnicas dos *macehualtin* por meio de livros escritos por espanhóis em parceria com indígenas durante o século XVI, como é o caso do famoso *Códice florentino*. Também é possível conhecer parte das técnicas e habilidades dos *macehualtin* por meio das construções e dos objetos produzidos por eles, como é o caso do escudo que aparece na figura abaixo. Trata-se de um mosaico de penas e ouro que forma a imagem de um animal com características de uma lontra ou de um castor. Nesse objeto podemos observar a difícil combinação entre o trabalho com o metal e com as penas, o qual produz como resultado um objeto de uso cerimonial de muita beleza.



Museum für Völkerkunde, Viena

Escudo mexica pré-hispânico com mosaico de ouro e penas, utilizado em cerimônias e festas.

## A estreita relação entre comércio, guerras e tributos

Em todas as cidades mesoamericanas, a produção dos artesãos, os alimentos cultivados nas regiões vizinhas e as mercadorias vindas de outras localidades eram comercializadas em grandes mercados ao ar livre, que geralmente funcionavam como uma espécie de feira em uma praça. Seu tamanho e a diversidade de mercadorias oferecidas variavam conforme a região e a importância da cidade.

A cidade de México-Tenochtitlan possuía seu mercado na cidade irmã e vizinha de México-Tlatelolco. Fundadas por mexicas, ambas ocupavam a mesma ilha do lago Texcoco. Com o passar do tempo e o crescimento dos domínios mexicas por toda a Mesoamérica, a cidade de México-Tlatelolco tornou-se um grande centro comercial e passou a possuir o maior mercado mesoamericano durante os séculos XV e XVI, época da chegada dos espanhóis. Aliás, um cronista espanhol do início do século XVI nos deixou um marcante relato sobre sua visita ao mercado de Tlatelolco.

Vejamos alguns trechos desse relato:

*E desde que chegamos à grande praça, que se chama Tlatelolco, como não havíamos visto tal coisa, ficamos admirados com a multidão de gente e de mercadorias que nessa praça havia, e com a grande organização e regulamento que em tudo tinham. E os mexicas que nos acompanhavam mostravam-nos tudo; os diversos gêneros de mercadoria estavam separados e tinham seus lugares marcados.*

*Começamos pelos comerciantes de ouro e prata, de pedras preciosas, de penas de aves,*

*de mantas e de objetos esculpidos ou talhados. E também se vendiam índios escravos e escravas; digo que havia tantos deles para se vender como os escravos negros que os portugueses trazem da Guiné. E os escravos estavam presos a umas varas compridas, atadas com coleiras em seus pescoços para que não fugissem; e outros estavam soltos.*

*Em seguida estavam outros comerciantes, que vendiam roupas, pedaços de tecidos, algodão e outras coisas feitas com fios. E castanheiros que vendiam cacau. E dessa maneira estavam todos os tipos de mercadorias que há em toda a região.*

*As peles de jaguar, de lontra, de raposa, de veado, de caças menores, de texugo e de gatos da montanha, algumas curtidas e outras sem curtir, estavam em outra parte.*

*Mas passemos adiante e falemos dos que vendiam feijões e sálvia e outros legumes e ervas em outra parte do mercado. Vamos aos que vendiam galinhas, galos de papada, coelhos, lebres, veados e patos, cachorritos e outras coisas desse tipo em sua parte da praça.*

*Havia muitas casas de ervas e mercadorias de muitos tipos. Havia aí também as casas onde três juízes julgavam, e havia outros que eram como fiscais que observavam as mercadorias.*

*Gostaria de poder falar sobre todas as coisas que ali se vendiam, mas eram tantas e de tão diversos tipos, que dois dias não seriam suficientes para terminar de ver e investigar, principalmente porque a grande praça estava muito cheia e toda cercada de portais.*

(Bernal Díaz del Castillo, 1568. *Historia de la conquista de Nueva España*. 16. ed. México: Ed. Porrúa, 1994. Trecho traduzido e adaptado pelo autor.)

Embora a íntegra da descrição feita por esse espanhol em visita ao mercado seja muito maior do que esse trecho reproduzido, mesmo assim podemos observar como era notável a variedade de mercadorias e a orga-

nização com que eram comercializadas. Podemos perceber também que as mercadorias eram de diversos tipos: objetos confeccionados por artesãos e produtos oriundos da agricultura, da criação de animais, da caça e da coleta. Aliado a essa variedade de mercadorias, o grande tamanho do mercado pode indicar-nos que a capital dos domínios astecas era um dos mais significativos centros comerciais mesoamericanos, abastecido por inúmeras rotas de comércio.

Além disso, o texto aponta também para a venda de indígenas escravos e a presença de juízes e fiscais. Isso nos indica a existência de uma sociedade complexa, formada por grupos sociais diversos e hierarquizados entre si. Os juízes certamente procediam do grupo social dos *pipiltin*, e os escravos em geral procediam das camadas sociais mais baixas ou eram guerreiros capturados em batalha.

Os chamados *tlatlacotin*, palavra que pode ser traduzida por “servos” ou “escravos”, tinham uma condição social que em muitos aspectos os diferenciava do que tradicionalmente entendemos por *escravo*, sobretudo se os compararmos com os escravos africanos ou com os indígenas utilizados pelos europeus justamente na época de conquista e colonização da América.

Esses *tlatlacotin* desempenhavam as mais diversas funções sociais, desde a prestação de serviços domésticos até a de vítimas em sacrifícios religiosos. E, embora não recebessem remuneração por seus trabalhos, os *tlatlacotin* possuíam casa, comida e roupas, como qualquer outra pessoa das camadas sociais mais baixas. Além disso, a condição de servidão não era hereditária, e eles poderiam ter bens, casar-se com pessoas de outras camadas sociais e conseguir a emancipação de diversas formas: por vontade de seus donos, pela compra de sua própria liberdade, por decretos dos governantes das cidades e por conseguir fugir do mercado e apresentar-se a um governante. Nessa fuga,

ninguém, a não ser seu dono, poderia barrar-lhe o caminho.

Os *tlatlacotin*, diferentemente dos escravos africanos e indígenas capturados pelos europeus, pertenciam muitas vezes à mesma cidade que seu senhor e encontravam-se nessa condição social por dívidas, por não poder garantir seu próprio sustento ou ainda por ter cometido algum crime grave. Os *tlatlacotin* poderiam ainda ser membros dos grupos dirigentes ou dos exércitos inimigos, que, uma vez capturados em batalha, se destinavam aos sacrifícios.

A obtenção desses prisioneiros para os sacrifícios foi uma das principais justificativas da expansão mexica sobre outras regiões: era necessário, diziam os dirigentes astecas, alimentar o Sol com o sangue dos sacrificados. Essa expansão militar e política estava intimamente relacionada com a expansão comercial: em alguns casos, a expansão comercial abria o caminho para uma expansão política pacífica: em determinadas situações, seguia-se e beneficiava-se de uma conquista militar. Sendo assim, os comerciantes eram um grupo muito especial para os governantes das cidades, pois muitas vezes contribuíam para a expansão e o domínio sobre outras regiões.

Para os governantes mexicas, era muito interessante expandir as influências e as rotas comerciais de sua cidade, pois com essa expansão seguiria a cobrança de tributos e a riqueza propiciada pelo comércio: cada nova cidade submetida ou aliada era obrigada a pagar tributos e a negociar com os comerciantes mexicas. Foi assim que a cidade de México-Tenochtitlan, em aliança com as cidades de Texcoco e Tacuba ou Tlacopan, conseguiu estabelecer domínios por quase toda a Mesoamérica. E também havia sido mais ou menos assim, servindo-se das alianças políticas, das conquistas militares e da expansão comercial, que os olmecas, os teotihuacanos, os zapotecas e os maias haviam conseguido tramar suas redes de domínio em tempos anteriores aos dos mexicas.



## Os tributos e a riqueza de México-Tenochtitlan

Os produtos e serviços obtidos com os tributos eram recolhidos, controlados e utilizados pelos dirigentes das cidades. Tais produtos eram muito variados: havia desde mantas de algodão utilizadas como vestimenta até adornos corporais, como brincos ou colares. Os serviços exigidos como tributos das cidades dominadas eram basicamente o envio de guerreiros para lutas contra outros povos inimigos e de trabalhadores para a construção e a ampliação de palácios, templos e caminhos. A cobrança desses tributos era controlada com o auxílio de livros nos quais se registravam as cidades dominadas, os tipos de mercadorias pagas, suas quantidades e a periodicidade dos pagamentos. É esse tipo de registro que podemos ver na figura ao lado, que reproduz a página de um livro mexica chamado Matrícula de tributos. Na lateral direita e na faixa inferior da imagem, podemos ver os símbolos utilizados como identificadores das cidades tributadas e, no restante da imagem, há os produtos e as quantidades recebidas pela cidade de México-

Tenochtitlan. Entre esses produtos, podemos distinguir escudos enfeitados com penas e trajes usados pelos guerreiros mexicas, produtos de uso exclusivo dos grupos dirigentes.



Museo Antonio Pacheco/Rutten

Nessa página do códice Matrícula de tributos, estão registradas as mercadorias enviadas pela região de Cuauhnahuac aos mexicas e seus aliados.

A compreensão de toda essa rede de alianças políticas, conquistas militares, expansões comerciais e cobrança de tributos tramada pelos mexicas sobre outros *altepetl*, isto é, sobre outras cidades politicamente autônomas, é indispensável para o entendimento do processo de conquista espanhola. Isso porque, como afirmamos no fim do primeiro capítulo, os milhares de povos mesoamericanos não possuíam uma identidade geral capaz de unir a todos numa espécie de nação indígena, e as identidades vinculavam-se aos diversos grupos culturais e lingüísticos e às cidades ou aos povoados aos quais pertenciam. Desse modo, qualquer cidade que dominasse outra representava certo grau de intromissão de um poder estrangeiro, certa violação da autonomia política do *altepetl*. Em

outras palavras, dominar significava, além de conseguir aliados, produzir inimigos. E foi isso que os astecas da cidade de México-Tenochtitlan fizeram no século precedente ao da chegada dos espanhóis à América.

Foi então inserindo-se nessa rede, fazendo alianças com os povos dominados e que pagavam tributos aos astecas, que os espanhóis conseguiram formar um grande exército, cuja maioria dos membros era indígena, e dominar a cidade de México-Tenochtitlan. E a partir dessa cidade, apropriando-se dos tributos dos antigos domínios astecas, os espanhóis conquistaram, pouco a pouco, muitas outras regiões e povos da Mesoamérica. Mas essa é uma história que necessitaria de um outro livro para ser contada.

## CRONOLOGIA

Ainda há muito para ser compreendido sobre os povos indígenas, principalmente no que diz respeito aos povos mais antigos e aos primeiros habitantes do continente. Desse modo, as datas estão sempre sujeitas a alterações e polêmicas.

Usamos aqui duas fontes de informação para a obtenção de datas relativas à história dos povos mesoamericanos: os estudos arqueológicos e as pesquisas com os escritos pictográficos produzidos pelos próprios indígenas.

- |                  |  |                 |   |
|------------------|--|-----------------|---|
| 38000 a.C.       | Chegada dos primeiros grupos de coletores-caçadores que iniciaram o povoamento do continente americano.  | 4300-3000 a.C.  | Primeiras aldeias de população semipermanente e dependentes da agricultura; estabelecimento definitivo do cultivo do milho e do feijão e do uso do algodão.       |
| 30000 a.C.       | Chegada dos primeiros grupos de coletores-caçadores na região que se tornaria a Mesoamérica.   | 2400-2300 a.C.  | Surgimento das primeiras cerâmicas.   |
| 30000-14000 a.C. | Crescimento dos grupos de coletores-caçadores; utilização de grandes instrumentos de pedra; maior dependência da coleta de vegetais e da caça de pequenos animais. | 2500-1200 a.C.  | Desenvolvimento de sociedades aldeãs igualitárias e formação dos primeiros grandes centros cerimoniais, principalmente na região dos olmecas, no golfo do México. |
| 9000-7000 a.C.   | Auge da coleta e continuidade da caça; início da domesticação de plantas: abóbora, chuchu, pimenta, milho e feijão.  | 1200-900 a.C.   | Apogeu de San Lorenzo, a mais antiga cidade olmeca.   |
| 7000-5000 a.C.   | Cultivo periódico de plantas, como o abacate, a abóbora, a pimenta, o amarantho e o milho.   | 800-400 a.C.    | Crescimento e apogeu de La Venta, cidade olmeca.  |
| 5000-4000 a.C.   | Início da agricultura; lenta transformação da economia dos coletores-caçadores, que  | 600-400 a.C.    | Primeiras anotações em escrita pictográfica e em estelas com base no calendário; construção da cidade olmeca de Tres Zapotes.                                     |
|                  |  | 500-300 a.C.    | Crescimento de Monte Albán, cidade zapoteca, que chegou a ter 16 mil habitantes no fim desse período.   |
|                  |  | 350-50 a.C.     | Esplendor de Izapa, primeiro grande centro cerimonial e urbano construído em área maia e com influência olmeca.   |
|                  |  | 1 d.C.-200 d.C. | Presença do sistema de escrita no golfo e em Oaxaca; rivalidade e competi-  |

	ção entre centros urbanos regionais, manifestada na multiplicação da arquitetura monumental.	900-1100	Apogeu da cidade de Tula e de seus domínios.
200-900	Hegemonia de grandes centros urbanos na região maia, em Oaxaca e no Altiplano Central; decadência e abandono desses centros na parte final desse período.	1100-1150	Declínio e queda da cidade de Tula e da hegemonia tolteca.
300	El Tajín torna-se o maior centro urbano da região da costa do oceano Atlântico.	1111	Os astecas deixam Aztlan e começam sua migração, durante a qual alteram sua denominação para mexicas.
600-700	Início das migrações dos grupos chichimecas em direção à Mesoamérica.	1200-1350	Crescimento ou conquista de cidades na região do lago Texcoco por povos migrantes; destacam-se Azcapotzalco, dos tepanecas; Texcoco, dos acolhuas; e Colhuacan, dos culhuas.
600-800	Decadência de Teotihuacan, Monte Albán e cidades maias, como Copán; apogeu de outras cidades maias, como Palenque.	1200-1270	Chegada de grupos mexicas à região central da Mesoamérica.
700-850	Crescimento dos assentamentos dos grupos chichimecas na região central da Mesoamérica.	1280-1299	Estabelecimento e expulsão dos mexicas da região de Chapultepec, próxima ao lago Texcoco.
800	Introdução de técnicas de metalurgia vindas da América do Sul pela costa do oceano Pacífico.	1325	Fundação da cidade de México-Tenochtitlan pelos mexicas.
856	Fundação de Tula, centro urbano tolteca no Altiplano Central.	1343-1428	Crescimento de México-Tenochtitlan como cidade subjugada ou aliada de outros centros urbanos da região.
900	Abandono de Tikal, um dos mais antigos centros maias.	1428-1519	Crescimento autônomo dos mexicas; alianças e guerras os tornam dominadores de grande parte da Mesoamérica.
900-1250	Continuidade e desenvolvimento de centros maias com influência tolteca, como Chichén Itzá.	1519-1521	Contatos entre mexicas e espanhóis; derrota de México-Tenochtitlan pelos espanhóis, tlaxcaltecas e outros aliados indígenas.
900-1200	Os mixtecos substituem os zapotecas no controle de Monte Albán e do vale de Oaxaca.		

## PARA SABER MAIS

Caso você tenha curiosidade de conhecer mais a respeito dos povos indígenas da Mesoamérica, propomos alguns caminhos:

### Visitas

O Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE-USP) possui uma pequena coleção de peças mesoamericanas que está sendo restaurada e catalogada. Provavelmente a partir do segundo semestre de 2005 ela estará em exposição.

### Livros e revistas

Na edição de dezembro de 2000 da revista *National Geographic – Brasil* (v. 1, n. 8) há um artigo, intitulado “O enigma dos primeiros americanos”, que trata das mais recentes pesquisas e teorias sobre a chegada do ser humano à América.

Para conhecer um pouco mais o passado dos povos indígenas da região do Brasil, é possível consultar o livro *Os primeiros habitantes do Brasil*, de Norberto Luis Guarinello, publicado pela Atual em 1994.

Informações da história dos povos mesoamericanos, desde os olmecas até os astecas, e de seu pensamento e sistema de escrita, podem ser encontradas no primeiro capítulo do livro *Deuses do México indígena*, de Eduardo Natalino dos Santos, publicado pela Palas Athena, em 2002.

Um resumo das características culturais e da história da Mesoamérica pode ser encontrado em artigo de Miguel León-Portilla, intitulado “A Mesoamérica antes de 1519”. Esse texto está publicado no primeiro volume da coleção *História da América Latina*, organizada por Leslie Bethell e publicada pela Edusp, em 1998.

Informações a respeito da vida cotidiana dos mexicas na cidade de Tenochtitlan podem ser obtidas no livro *Os astecas na véspera da conquista espanhola*, de Jacques Soustelle, publicado pela Companhia das Letras e Circulo do Livro, em 1990.

### Vídeos

Há muitos vídeos sobre as cidades mesoamericanas, sobretudo acerca de Teotihuacan e

das cidades maias. No entanto, as informações e abordagens de grande parte deles são, no mínimo, questionáveis. Sugerimos que se dê preferência aos vídeos da BBC, rede de televisão pública da Inglaterra, e aos produzidos sob a consultoria de universidades ou de institutos de pesquisa, como o Instituto Nacional de Antropologia e Historia (Inah), do México.

### Sites

Vários artigos, textos e imagens sobre a história da América podem ser encontrados no site do Centro Virtual de Estudos Históricos ([www.fflch.usp.br/dh/ceveh](http://www.fflch.usp.br/dh/ceveh)), organizado e dirigido pela Profª Drª Janice Theodoro da Silva. Especificamente sobre a Mesoamérica, indicamos os textos da Drª Janice Theodoro da Silva e de Eduardo Natalino dos Santos, a entrevista com o Dr. Gordon Brotherston e os artigos do Dr. Federico Navarrete Linares.

Sobre a escrita dos povos mesoamericanos é possível ler o artigo de Eduardo Natalino dos Santos, “Os códigos mexicas”, publicado na revista eletrônica *Arara – Art and Architecture of the Americas* ([www2.essex.ac.uk/arhistory/arara/issue\\_five/paper3.html](http://www2.essex.ac.uk/arhistory/arara/issue_five/paper3.html)).

Há ainda grande quantidade de sites na Internet, sobretudo em inglês ou espanhol, que trazem informações sobre os mais diversos aspectos das sociedades mesoamericanas: calendário, língua, deuses, iconografia, etc. Entre os melhores, selecionamos:

Centro de Estudios Superiores en Antropología Social ([www.ciesas.edu.mx](http://www.ciesas.edu.mx))

Instituto de Investigaciones Históricas – Unam ([www.unam.mx/iih](http://www.unam.mx/iih))

Revista Arqueología Mexicana ([www.arqueomex.com](http://www.arqueomex.com))

Instituto Nacional de Antropología e Historia – Inah ([www.inah.gob.mx](http://www.inah.gob.mx))

Maya Art and Books ([www.maya-art-books.org](http://www.maya-art-books.org))

# BIBLIOGRAFIA

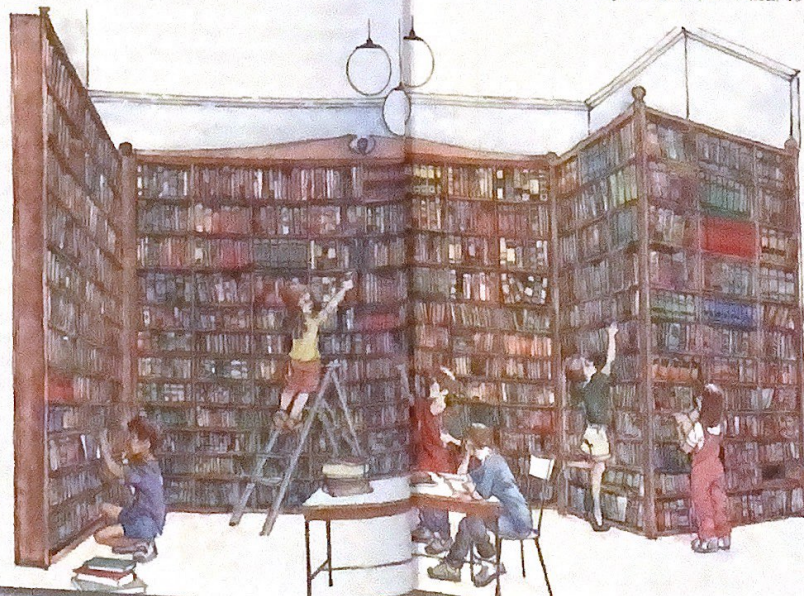
- ARQUEOLOGÍA Mexicana. México: Ed. Raíces/Inah/Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, jul. 1993-fev. 2003.
- BROTHERSTON, Gordon. *La América indígena en su literatura: los libros del cuarto mundo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- HEYDEN, Doris, GENDROP, Paul. *Pre-columbian architecture of Mesoamerica*. New York: Harry N. Abrams, Inc., Publishers, 1975. (History of World Architecture.)
- LEÓN-PORTILLA, Miguel. *El destino de la palabra: de la oralidad y los códices mesoamericanos a la escritura alfabética*. México: El Colegio Nacional/Fondo de Cultura Económica, 1997.
- LÓPEZ AUSTIN, Alfredo, LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *Mito y realidad de Zuyúá: Serpiente Emplumada y las transformaciones mesoamericanas del Clásico al Posclásico*. México: El Colegio de México/Fideicomiso Historia de las Américas/Fondo de Cultura Económica, 1999. (Serie Ensayos.)
- MANZANILLA, Linda, LÓPEZ LUJÁN, Leonardo (coord.). *Historia antigua de México*. 2. ed. México: Inah/Instituto de Investigaciones Antropológicas - Unam/Miguel Ángel Porrúa, 2001. 4 v.
- NAVARRETE LINARES, Federico. *La vida cotidiana en tiempo de los mayas*. México: Ed. Temas de Hoy, 1996. (Col. Historia de México.)

## Fontes documentais

- CODIX Mendoza. Editado por Frances F. Berdan e Patricia Anawalt. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1992. 4 v.
- CÓDICE borbónico. Introdução e comentários por Ferdinand Anders, Maarten Jansen, Luis Reyes García. Áustria: Akademische Druck- und Verlagsanstalt; Espanha: Sociedad Estatal Quinto Centenario;

- México: Fondo de Cultura Económica, 1992. (Códices Mexicanos III.)
- CÓDICE chimalpopoca: anales de cuauhtitlan y leyenda de los soles. Tradução do nahuatl e comentários por Primo Feliciano Velázquez. México: Universidad Nacional Autónoma de México/Instituto de Historia, 1945. (Publicaciones del Instituto de Historia.)
- DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia de la conquista de Nueva España*. Introdução e notas de Joaquín Ramírez Cabañas. 16. ed. México: Ed. Porrúa, 1994. (Col. Sepán Cuantos.)
- DÍAZ, Gisele, RODGERS, Alan. *The Codex Borgia: a full-color restoration of the ancient Mexican manuscript*. Introdução e comentário por Bruce E. Byland. New York: Dover Publications, Inc., 1993.
- MATRICULA de Tributos. Estudio de José Corona Núñez. México: Secretaría de Hacienda y Crédito Público, 1965.

54



# Fontes das imagens

- Página 12: *Arqueología Mexicana — El Maíz*. México: Ed. Raíces/INAH/Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, maio-jun. 1997.
- Páginas 13, 44: Miguel León-Portilla. *El destino de la palabra: de la oralidad y los códices mesoamericanos a la escritura alfabética*. México: El Colegio Nacional/Fondo de Cultura Económica, 1997.
- Página 17: Gordon Brotherston. *La América indígena en su literatura: los libros del cuarto mundo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- Página 20: *Arqueología Mexicana — Los olmecas: la cultura madre*. México: Ed. Raíces/INAH/Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, mar-abr. 1995.
- Página 23 (ambas as imagens): *Arqueología Mexicana — Ritos del México prehispánico*. México: Ed. Raíces/INAH/Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, nov.-dez. 1998.

- Página 28: Desmond Rochfort. *Mexican muralists: Orozco, Rivera, Siqueiros*. London. Lawrence King, 1993.
- Página 29: *Arqueología Mexicana — Antiguos jardines mexicanos*. México: Ed. Raíces/INAH/Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, set.-out. 2002.
- Página 32: *Arqueología Mexicana — Poder y política en el México prehispánico*. México: Ed. Raíces/INAH/Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, jul.-ago. 1999.
- Páginas 33, 47 (embaixo): Christian Duverger. *Mesoamérica: arte y antropología*. México: Conaculta & Américo Arte Ed., s.d.
- Página 34: Gisele Díaz e Alan Rodgers. *The Codex Borgia: a full-color retoration of the ancient Mexican manuscript*. Introdução e comentário de Bruce E. Byland. New York: Dover Publications, Inc., 1993.
- Página 37: Doris Heyden e Paul Gendrop. *Pre-columbian architecture of Mesoamerica*. New York: Harry N. Abrams, Inc., Publishers, 1975. (History of World Architecture.)
- Páginas 39 a 42: *Códice borbónico*. Introdução e comentários de Ferdinand Anders, Maarten Jansen, Luis Reyes García. Áustria: Akademische Druck- und Verlagsanstalt; Espanha: Sociedade Estatal Quinto Centenario; México: Fondo de Cultura Económica, 1992. (Códices Mexicanos III.)
- Página 46 (no alto): *Mexico insight guides*. Apa Publications, 1998.
- Página 46 (embarxo): *Arqueología Mexicana — Mitos de la creación*. México: Ed. Raíces/INAH/Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, jul.-ago. 2002.
- Página 50: *Arqueología Mexicana — Códices prehispánicos*. México: Ed. Raíces/INAH/Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, jan.-fev. 1997.

55

**Dados Internacionais de Catalogação  
na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Santos, Eduardo Natalino dos  
Cidades pré-hispânicas do México e da América  
Central / Eduardo Natalino dos Santos. — São Paulo :  
Atual, 2004. — (A vida no tempo : dos deuses / coordenação  
Maria Helena Simões Paes, Íris Kantor)

Inclui roteiro de leitura.  
Bibliografia.  
ISBN 85-357-0505-8

1. Cidades — História 2. História (Ensino fundamental)  
3. Índios da América Central 4. Índios do México I. Paes,  
Maria Helena Simões. II. Kantor, Íris. III. Título. IV. Série.

04-3285

CDD-372.89

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Cidades pré-hispânicas do México e da América Central : História :  
Ensino fundamental 372.89  
Impressão EGB

© Eduardo Natalino dos Santos, 2004.

Copyright desta edição:  
**SARAIVA S.A. Livrários Editores,**  
São Paulo, 2004.

Av. Marquês de São Vicente, 1697 — Barra Funda  
01139-904 — São Paulo — SP  
Fone: (0xx11) 3613-3000  
Fax: (0xx11) 3611-3308  
Fax vendas: (0xx11) 3611-3268  
www.editorasaraiva.com.br  
Todos os direitos reservados

**Coleção A Vida no Tempo**

*Editor:* Henrique Félix  
*Assistente editorial:* Valéria Franco Jacintho  
*Revisão:* Pedro Cunha Jr. (coord.)  
Elza Maria Gasparotto/Elaine C. Del Nero  
*Pesquisa iconográfica:* Cristina Akisino (coord.)  
*Gerente de arte:* Nair de Medeiros Barbosa  
*Supervisor de arte:* José Maria de Oliveira  
*Diagramação:* MZolezi  
*Coordenação eletrônica:* Silvia Regina E. Almeida

**Colaboradores**

*Projeto gráfico:* Tania Ferreira de Abreu (miolo)  
Luís Díaz (capa)  
*Imagem de capa (maior):* Templo I e Praça Maior,  
em Tikal, Guatemala, 1994.  
© Craig Lovell/Corbis  
*Imagem de capa (menor):* Página do *Códice  
Nutall*, em que os Jaguares atacam uma ilha.  
© Marco Antonio Pacheco/Raíces  
*Imagem das páginas de rosto e de créditos:*  
Escadaria da Pirâmide do Sol em Teotihuacan.  
© Corbis/Stock Photos